



Universidade Federal de São Paulo – Campus Baixada Santista

Departamento de Políticas Públicas e Saúde Coletiva

Curso de Psicologia

Cesar Mezzomo Keinert

***Histórias de vida e música: a música-memória nas narrativas de vida de
ingressantes do Curso de Psicologia - Unifesp***

Santos

2019

Cesar Mezzomo Keinert

Histórias de vida e música: a música-memória nas narrativas de vida de ingressantes do Curso de Psicologia - Unifesp

Trabalho de Conclusão do Curso de Psicologia da Unifesp - Baixada Santista apresentado como requisito para obter o título de Psicólogo.

Orientadora: Dra. Maria Inês Badaró Moreira

Ficha catalográfica elaborada por sistema automatizado
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

K27h Mezzomo Keinert, Cesar.
Histórias de vida e música: a música-memória nas narrativas de vida de ingressantes do Curso de Psicologia - Unifesp. / Cesar Mezzomo Keinert; Orientadora Maria Inês Badaró Moreira. -- Santos, 2019.
57 p. ; 30cm

TCC (Graduação - Psicologia) -- Instituto Saúde e Sociedade, Universidade Federal de São Paulo, 2019.

1. Memória. 2. Narrativa. 3. Ressignificação. 4. Subjetividade. 5. Música. I. Moreira, Maria Inês Badaró , Orient. II. Título.

CDD 150

SUMÁRIO

I - INTRODUÇÃO	9
II - OBJETIVOS	13
OBJETIVO GERAL	13
OBJETIVOS ESPECÍFICOS	13
III - MÉTODO	14
PROCEDIMENTO	14
ANÁLISE DE DADOS	16
PARTICIPANTES	1
7	
IV - RESULTADOS	E
ANÁLISE	18
V - REFLEXÕES DE FECHAMENTO DAS ABERTURAS ANTERIORES	46
VI - CONSIDERAÇÕES FINAIS	51
REFERÊNCIAS	53

AGRADECIMENTOS

A meus pais e aos meus amigos, pelo suporte e pelo compartilhamento dos momentos de vida dos mais banais aos mais intensos. Em especial, àqueles que estiveram próximos durante a escrita deste trabalho.

A meus professores de graduação e de toda minha formação. Em especial, à minha orientadora Maria Inês, pela contribuição na caminhada deste trabalho e pela aposta no trabalho com a arte em saúde mental.

Aos voluntários deste projeto, que compartilharam ideias, momentos e sentimentos de parte significativa de suas vivências, tornando o trabalho possível e agradável de ser realizado.

RESUMO

A partir da Reforma Psiquiátrica, há um crescente entendimento de formas de cuidado que valorizem a saúde mental de sujeitos em suas diversas dimensões, inclusive extra-institucionais. O curso de psicologia da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp) na Baixada Santista, reúne estudantes advindos de diversas localidades do Estado de São Paulo e do Brasil. O objetivo deste trabalho foi conhecer as histórias de vida de alunos ingressantes no Curso de Psicologia por meio de músicas, e, a partir disso, discutir a música-memória como um recurso terapêutico e investigar seu efeito na construção de sua biografia e de como pode-se narrar. O método utilizado foi a pesquisa qualitativa, com a produção de narrativas por meio de entrevistas semi-estruturadas e a análise de conteúdo desses dados. Os dados foram analisados tematicamente de modo que foram organizados em temas comuns - o amadurecimento e a família - e diferentes - o sofrimento e a musicalidade. Nos diversos conteúdos que atravessaram essas categorias, pôde-se compreender a interlocução com a música em etapas marcantes na constituição da identidade de quatro alunos e condicionantes histórico-sociais que atuaram conformando essas subjetividades: a família enquanto instituição e significados de gênero construídos. Discutiu-se a presença da música e da arte como recurso terapêutico em saúde mental associada a uma visão integral de sujeito e a consonância dessa intervenção com o projeto político pedagógico do curso de psicologia da Unifesp. Entendemos que o processo ocorrido durante as entrevistas de deixar-se narrar foi também um momento de auto-reconhecimento e de ressignificação de momentos de vida que foi compreendido como uma forma de cuidado com esses alunos ao chegar neste novo espaço e proporcionou uma abertura para percepções estéticas e para o sensível, caro ao trabalho da psicologia.

Palavras-chave: Memória; Narrativa; Ressignificação; Subjetividade; Música

APRESENTAÇÃO

Este trabalho de conclusão do curso de Psicologia reflete um percurso acadêmico intenso vivenciado ao longo destes cinco anos de formação. Nesse processo, houve muitos deslocamentos, o conhecimento de novos territórios e de teorias da psicologia. Desenvolvi um entendimento do que é cuidado e de saúde como um processo. Estes acontecem sob diversas formas, em encontros, pelo vínculo, pela escuta, pela dança, em sutilezas da vida, para além do conhecido modelo biomédico.

Passei pela experiência de construção de uma narrativa sobre si ao longo da graduação. O primeiro deles, no segundo ano de graduação, foi um dos trabalhos que mais me envolvi durante a mesma. Tratava-se da escrita de recortes da vida em articulação com as ideias e textos debatidos no módulo em questão, “Psicologia, Ideologia e Cultura”. Refleti sobre o processo de muitas transformações durante o ensino secundário, em que, no último semestre, decidi prestar psicologia e que culminou na minha vinda para Santos.

Também tive a oportunidade de trabalhar com narrativas ligadas às demandas e ao histórico de saúde. O processo dos encontros e da escuta foi bastante gratificante para mim. No final do módulo curricular, as narrativas eram anexadas aos prontuários dos indivíduos atendidos.

Ainda sobre a perspectiva de entender a saúde de modo plural e interdisciplinar, participei do módulo “Música e Saúde”, cujo foco era apresentar a música como fenômeno humano, o qual apresenta também inúmeros ritmos, como os hormonais, circadianos, de humor. Um dos principais objetivos foi o de aproximar a escuta da música à escuta clínica que o psicólogo deve ter. Independente do próprio gosto musical, ouvir a música em cada instrumento, perceber os diálogos entre eles, a predominância de um em dado momento, os desaparecimentos e como estes se dão, a presença da voz. Havia alunos da pós-graduação, o que me permitiu o contato com uma fonoaudióloga que realizava terapia pela música com pacientes afásicos, estimulados a falar pelo canto. Isso é possível por certas afasias afetarem somente o hemisfério do cérebro ligado à linguagem, não afetando o outro em que está a memória musical.

Essa pesquisa contribuiu para a compreensão do aspecto constitutivo da música para os indivíduos, uma música que narra uma história, imbricada às memórias. A pesquisa foi também uma reflexão sobre o processo de inserção na graduação. Os estudantes, em geral egressos recém saídos do ensino secundário, trazem uma história ligada à escolha do curso da psicologia bastante relacionada a vivências e percepções que tiveram nos últimos anos, em meios em que a saúde mental e o olhar psicológico não eram bastante debatidos. Isso contrasta com o perfil construído ao longo dos anos de faculdade, em período integral, em que se desenvolvem laços com muitas pessoas da área e, no caso de Santos, em que a maioria dos alunos vêm de outra cidade e passam a morar em repúblicas, dividindo espaço com pessoas do mesmo curso ou de um curso da área da saúde, como foi o meu caso. A partir disso, ocorre muitas vezes uma inversão, em que o egresso passa a conviver em muitos grupos em que circulam essas ideias.

O trabalho foi um momento de integração do estudante ingressante com a reta final do curso e com o meio acadêmico da psicologia e o que está impulsionando e movimentando as práticas deste. A saúde mental nas universidades têm sido foco de discussão tanto no ambiente externo quanto dentro das universidades, havendo ações em saúde mental e cuidado realizadas por Centros Acadêmicos e órgãos de apoio aos estudantes, como é o caso do NAE - Núcleo de Apoio aos Estudantes, na Unifesp Baixada Santista.

A música é algo que em toda minha vida me mobilizou muito, como uma forma de expressão que envolvia uma linguagem extremamente singular. Ela traduz algo da ordem do indizível, criando significados individuais e culturais. Tratando de sentimentos positivos e negativos, como paixões, decepções e angústias, de reflexões acerca de dinâmicas sociais e de poder, ou mesmo sendo produto mercadológico de alto investimento, constitui parte importante da subjetivação contemporânea. Uma música traz um contexto em sua produção e se liga também a momentos, memórias, cheiros e lugares vivenciados.

Assim, tendo forte traço afetivo, constitui a história de cada pessoa. Seu potencial terapêutico é conhecido e estudado amplamente, como instrumento de integração social e de reabilitação neurocognitiva ou psicossocial.

A pesquisa com narrativa é uma estratégia utilizada em saúde por diversas áreas do conhecimento, que visa conhecer a vida do sujeito pesquisado de forma íntegra. Pautando-se na experiência do encontro e no diálogo com o narrador, se constitui em um método dialético, em que o produto é construído entre sujeito e pesquisador, numa relação de horizontalidade. Possibilita perceber múltiplas complexidades pelo narrador, como seu território, suas redes sociais, seus valores e suas crenças (LAMBERTUCCI; KEINERT; KEINERT, 2018).

Ademais, no estágio curricular realizado em 2018, tive contato próximo e pude realizar diversas atividades em saúde mental, entendendo mais a fundo a importância de atividades de cuidado - das quais, algumas envolveram a música, em que pude observar uma facilidade de envolvimento afetivo e de criação de conexão com os usuários.

Levando isso em conta, as perguntas que nortearam esta escrita foram: a música e sua memória são um recurso terapêutico? Uma narrativa por meio da música é um recurso terapêutico? Como possibilitam a construção da biografia e do sujeito?

I - INTRODUÇÃO

As transformações na reforma psiquiátrica, no âmbito social, institucional, das relações e de leis, envolveram mudanças na organização e gestão dos equipamentos de saúde e também outras de caráter subjetivo, da ordem do imaginário e do tratamento da loucura, na qual foi fundamental uma luta contra a exclusão e a violação de direitos. O paradigma passou a ser cuidar do sujeito de forma integral. Pensou-se, então, em estratégias que contemplassem isso: estudar aquele em sua rede de cuidado, sua inserção social e garantir seus direitos, enquanto sujeito desejante, biopsicossocial, vivo e inscrito em um tempo histórico e cronológico. Conforme o teórico da reforma psiquiátrica Paulo Amarante comenta (2007), saúde mental não é apenas psicopatologia ou semiologia, não podendo ser reduzida ao estudo e tratamento das doenças mentais. Desse modo, torna-se importante “pensar de forma diferente, não mais com este paradigma da verdade única e definitiva, mas sim em termos de complexidade, de simultaneidade, de transversalidade de saberes” nesse campo (AMARANTE, 2007, p. 16).

Seguindo esse propósito, o Ministério da Saúde definiu, em 2013, uma série de fatores subjetivos que compõem o que é uma pessoa e, assim, devem balizar o atendimento ofertado a ela: o entendimento de que uma pessoa é um passado e também a projeção de uma vida futura, em que surgem expectativas; uma história familiar, repleta de identificação; uma cultura, que determina comportamentos e crenças suas; um cidadão, com direitos e que exerce diversos papéis, vivendo variadas relações de poder; uma vida de trabalho e uma afetiva; um mundo interior; um corpo orgânico; uma autoimagem; uma narrativa de si; e, quase sempre, uma dimensão transcendente. Esses fatores se relacionam de forma interdependente: embora autônomos, se influenciam de maneiras diferentes e nunca se dissociam. Ao longo do tempo, compõem, em conjunto, a forma, ou identidade, de uma pessoa.

O sofrimento psíquico ocorre na “vivência da ameaça de ruptura da unidade/identidade da pessoa” (2013, p. 32). Essa ruptura pode ocorrer em qualquer uma daquelas esferas, por exemplo na relacionada a cidadania e direitos políticos e sociais, se dela essa pessoa for privada.

Dessa forma, a multidimensionalidade do fenômeno humano suscita um cuidado realizado em diversas perspectivas. Uma das frentes disso é o trabalho com a arte, em suas diversas formas de expressões do humano. Situando-se na música, é possível resgatar o grupo Harmonia Enlouquece, formado por usuários da saúde mental. Tendo se iniciado como proposta terapêutica de um Centro Psiquiátrico, na forma de oficina, houve a necessidade de expandir o projeto para fora. Hoje o grupo tem divulgação ampla de músicas e realiza apresentações ao vivo, modificando o lugar da loucura no imaginário social e lutando contra esse estigma (DANTAS, 2016).

Sobre esse potencial transformador da arte pode-se pensar na ideia de estética. Gomes e Polli (2016, p. 63) definem-na por

relações e experiências que rompem o caráter prático e utilitário da vida, desvendando olhares para si, para os outros e potencializando o sujeito criador (não necessariamente artista), [...] na medida em que “possibilitam ao sujeito descolar-se da realidade vivida e imergir em outra, mediada por novos sentidos que contribuem para o redimensionamento e re-significação do próprio viver/existir”

Essas experiências acontecem em certo espaço de tempo por sujeitos, que, em um momento de suas ações cotidianas, seja frequentando um museu ou andando pela rua, se deparam com algo que os desloca. A partir dessa recepção do objeto de arte, uma ideia ou sentido muitas vezes pré formado no receptor, no contato com algo expresso em determinada métrica ou cor, se refaz.

Essa resignificação é também proposta do fazer terapêutico pela fala. Por meio da expressão de conteúdos singulares dos sujeitos, sob certa técnica e em determinadas circunstâncias, objetiva-se trabalhar com conteúdos centrais na constituição psíquica daquela pessoa, ora chamados de desejo, ora de crenças. Por meio disso, almeja-se que ela desenvolva maior conhecimento de seus processos afetivos, no que tange seus desejos mas também sua relação com os fatores externos que compõem sua trajetória, para que possa se aproximar mais em seu viver daquilo que contemple quem ela é. Pensando nisso, ao expressar e afetar subjetividades, a arte pode servir como estratégia de cuidado (MORO; GUAZINA, 2016).

Elizabeth Lima corrobora afirmando que a arte pode produzir uma mudança da sensibilidade e que “artísticos podem ser momentos clínicos de intensidade ímpar, [...] que têm a potência de provocar mutações subjetivas, ampliar a capacidade de alguém de ser afetado e potencializar a vida” (2006, p. 325).

Esses momentos de rupturas se inscrevem em nós e têm, na memória, uma fundação. Observando a velhice, Bosi (2003) destaca que há objetos numa casa, podem ser uma coleção de objetos guardados numa caixa ou os móveis da sala, que são biográficos, envelhecem junto a seu possuidor. Neles é depositada uma intensidade afetiva: “mais que uma sensação estética ou de utilidade eles nos dão um assentimento à nossa posição no mundo, à nossa identidade” (2003, p. 4). A autora reflete que há certas coisas que compõem quem se é, o self, o ego, o eu, o indivíduo, a narrativa. Por meio delas, carrega-se personagens, pessoas, histórias, culturas e lugares, entre outros.

Deixando os objetos à parte, a escuta musical pode exercer esse papel de composição. Sendo toda memória afetiva, as músicas que ficam na lembrança são fragmentos de um todo, de um sujeito que se fez. E, assim como a construção de si, uma memória é inacabada. Há um jogo que se inicia com uma canção, originalmente produzida por um autor dotado de motivação e desejos próprios, inserido em um contexto de produção, a qual se transfigura na mente do interlocutor e ganha um sentido próprio - ainda que sempre em diálogo histórico com os sentidos “originais da produção”. E o que essa memória vai carregar - seus sentimentos, sua importância - varia de acordo com o tempo, o acúmulo e as transformações das vivências.

Clarice Lispector notava esse fluxo que a perpassava: “eu não tenho enredo de vida? Sou inopinadamente fragmentária. Sou aos poucos. Minha história é viver” (1973, p. 33). Bosi conclui essa reflexão da memória sendo aberta afirmando: “E às vezes esse fechamento vai depender de nossos gestos de agora, porque seus atores morreram na véspera, antes de completar a figura de suas vidas” (2003, p. 12). Desse modo, cria-se, a partir da memória, um potente instrumento de intervenção no presente.

É interessante destacar também, acerca da riqueza da memória, que por meio de relatos, compartilha-se uma experiência, em que se evocam personalidades, histórias, traços e detalhes, de forma apaixonada (BONDÍA, 2002), subjetiva e pessoal,

trazendo-se uma visão de mundo; nesse processo, ocorre a transmissão de valores e sentidos, compondo uma tradição e uma cultura.

Pensando nesse atravessamento na subjetividade que a música causa e sua possível aproximação terapêutica, visou-se pesquisar o efeito da música na produção de sentidos e significados envolvidos na construção de si, realizada, ao longo da vida, por cada sujeito. Apoiou-se, para isso, na memória, como material dos mais ricos de acesso às narrativas pessoais. Pensando no cuidado integral e também no potencial de resignificação do encontro, pesquisou-se sobre a potência terapêutica de realizar narrativas de vida.

Ressalta-se, também, a ressonância dessa pesquisa com o projeto político pedagógico do curso de Psicologia da Universidade Federal de São Paulo, enquanto atividade realizada como parte da formação e enquanto intervenção com alunos ingressantes no mesmo. Sobre aquele, destaca-se a “perspectiva da integralidade do cuidado”, pensada junto da luta pela Reforma Psiquiátrica e anteriormente tratada nesse escrito, além de objetivos defendidos como “compreender as múltiplas dimensões envolvidas no processo saúde-doença e de produção de cuidado”, pois acredita-se que a rememoração e reflexão sobre a própria história possa contribuir para a compreensão de uma concepção ampla do processo saúde-doença e suas formas de cuidado. Ademais, qualquer área de atuação da psicologia estará lidando com o sofrimento psíquico e uma formação crítica passa pela elaboração do próprio sofrimento vivido, resgatando-se a potência contida nele.

II - OBJETIVOS

OBJETIVO GERAL:

Conhecer as histórias de vida de alunos ingressantes no Curso de Psicologia por meio de músicas.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

Investigar o efeito e a relação entre as músicas e memórias e tempos vividos na construção de si.

Conhecer as histórias relatadas pelos participantes.

Investigar o potencial terapêutico da música-memória.

III - MÉTODO

O método qualitativo faz-se necessário numa pesquisa em que se pretende compreender os sentidos e significados produzidos por um grupo específico, pois “é o que se aplica ao estudo da história das relações, das representações, das crenças, das percepções, e das opiniões, produtos das interpretações que os humanos fazem a respeito de como vivem, constroem [...] a si mesmos, sentem e pensam” (MINAYO, 2014, p. 57). Por meio dele, pensa-se a lógica interna de grupos, instituições e atores, quanto às relações entre eles; aos valores culturais relativos a sua história; e a processos históricos e sociais (MINAYO, 2014). Denota-se a importância de tratar sobre essas dinâmicas abstratas devido à complexidade do mundo social, pensamento que Gurvitch expõe:

Parece impossível compreender a realidade social total, se não se admite que esta superposição de planos submetidos a um determinante mais ou menos flexível, repousa sobre um solo vulcânico, onde se agita o que há de mais espontâneo e inesperado na vida coletiva: as condutas criadoras, as ideias e valores coletivos, os estados mentais e os atos psíquicos coletivos (1955, p. 113)

É importante, entretanto, ter em mente que, ao se olhar para o subjetivo, o objetivo encontra-se intrinsecamente imbricados. Sobre isso, Minayo argumenta que, em realidade, o termo “metodologias qualitativas” carrega uma imprecisão, a qual evidencia uma dificuldade das teorias em se posicionarem de forma adequada ante seu objeto, o social, afirmando qualidade e quantidade como dicotômicos.

PROCEDIMENTO

Foram realizadas entrevistas semi-estruturadas com 4 estudantes do primeiro ano do curso de psicologia que demonstraram interesse no estudo. As entrevistas podem ser consideradas conversas com a finalidade de obter informações relevantes para uma pesquisa. É a estratégia mais utilizada no trabalho de campo. Ela fornece informações

de duas naturezas: objetiva, que poderia ser acessada por outros meios, e da realidade da pessoa, isto é, suas construções sobre a realidade, que constituem uma representação (Minayo, 2014).

Na entrevista semi estruturada, há um roteiro orientando a conversa, podendo o entrevistado falar livremente e o entrevistador introduzir perguntas do mesmo modo. A conversa flui de acordo com o grau de relevância e enfoque que o entrevistado vai dando à sua narrativa.

Foi elaborado um roteiro de temas disparadores, que remetesse, por meio da música, à história de vida; à família e às pessoas próximas; às fases da vida; aos lugares e instituições passados; à relação com a música, enquanto ouvinte e enquanto agente; aos sentimentos a ela relacionados, de alegria, tristeza, sufoco, superação, prazer; à trajetória de vida; e assim em diante.

ROTEIRO DE PERGUNTAS DISPARADORAS

- Perguntas iniciais (nome, idade, cidade de origem)
- Você tem hábito de ouvir músicas?
- Que tipo de música mais gosta ou ouve?
- Cite algumas músicas que mais gosta ou ouve...
- Em que situações de sua vida você ouve música? Quando está sozinho ouve?
- A música lhe causa alguma emoção ou reflexão?
- Existe alguma música que lhe traz memórias específicas? Que tipo de memória lhe traz?
- Existe alguma música que representa acontecimentos marcantes?
- Pode me citar alguma música que represente as etapas de sua vida?
- Que música representaria sua infância?
- Que música poderia representar sua adolescência?
- E, outras etapas?
- Você consegue relacionar a escuta dessas músicas a estados emocionais seus daquele momento? Havia momentos de bastante prazer? Havia momentos de angústia?

- Você percebe um impacto dessa escuta nesses seus estados emocionais? Havia um alívio ou uma intensificação dessas emoções?
- Você consegue relacionar essas músicas e sua escuta a questões por que você passava naquele momento?
- Você acha que o seu contato e identificação com as músicas te auxiliava em refletir sobre sua vida, por exemplo, a criar novos significados?
- Você acha possível narrar sua história de vida por meio de músicas?
- Você acha que a música pode ser um recurso terapêutico? De que jeito ela poderia ser usada como tal?
- Você acha que essa lembrança de músicas, nessa entrevista, está sendo terapêutica?

Por meio das entrevistas, construiu-se narrativas. A narrativa é, de forma simples, a contação de história por alguém que a vivenciou. Existem inúmeras formas de narrativas, usadas tanto em situações cotidianas quanto em contextos de pesquisa social. Busca-se, por meio dela, compreender os acontecimentos de uma vida, bem como as crenças e representações narrados pelo sujeito que as vivenciou, que auxiliam na construção da realidade comum, a partir de uma linguagem singular. Seus diversos usos e definições metodológicas, incluem a educação, a sociologia, a antropologia e a psicologia (Bastos, Biar, 2015). Na área da saúde, é pensada como posicionamento mais humano na relação entre profissionais e usuários da saúde.

ANÁLISE DE DADOS

Após a coleta de dados, foi feita uma análise temática de conteúdo. Bardin a define como

um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos, sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/ recepção (variáveis inferidas) destas mensagens (1979, p. 42)

Para a autora, tema é “a unidade de significação que se liberta naturalmente de um texto analisado segundo critérios relativos à teoria que serve de guia à leitura” (1979, p. 105). Na análise será proposto refletir sobre os encontros, a partir das músicas resgatadas e dos conteúdos que de alguma forma fizeram-nas se conectarem e refletirem sobre sua existência, em momentos marcantes ou de ruptura.

Minayo (2014) divide a análise temática em três etapas: Pré-Análise, Exploração do Material e Tratamento dos Resultados Obtidos e Interpretação.

A etapa da Pré-Análise consiste, primeiro, em uma Leitura Flutuante, isto é, entrar em contato com todo o material de campo colhido, tendo em mente as hipóteses iniciais e as teorias relacionadas ao tema, para que a leitura fique progressivamente mais sugestiva. Em seguida, a Constituição do Corpus, que está relacionado à totalidade do que será estudado e deve responder a algumas normas: *exaustividade*: contemplar todos os aspectos levantados no roteiro; *representatividade*: que contenha as características essenciais do universo estudado; *homogeneidade*: obedecer a critérios precisos de escolha com relação ao tema, às técnicas e aos atributos dos interlocutores; e *pertinência* dos documentos analisados a fim de que se responda os objetivos do trabalho. Por fim, a Formulação e reformulação de Hipóteses e Objetivos. Há, nesse momento, a retomada da fase exploratória, pela leitura exaustiva do material, tendo como guia as problematizações iniciais com relação ao tema. Assim, pode haver reformulação das hipóteses, pela abertura a novas indagações e rumos interpretativos.

Na etapa da Exploração do Material, há uma operação classificatória para se alcançar o núcleo de compreensão do texto. Para isso, traça-se categorias, expressões ou palavras significativas que organizam uma fala. Em seguida, o pesquisador escolhe regras de contagem. Finalmente, há a classificação e agregação dos dados, que envolve a escolha de categorias teóricas e a agregação dos dados.

A terceira etapa é a do Tratamento dos Resultados Obtidos e Interpretação, na qual o analista propõe inferências e realiza interpretações, podendo criar novas dimensões interpretativas.

PARTICIPANTES

Os estudantes do primeiro ano do curso de psicologia foram convidados a participar. Foram realizadas entrevistas com 4 destes estudantes.

IV - RESULTADOS E ANÁLISE

O convite aos alunos foi realizado durante uma aula do módulo de “Ética e tendências em psicologia”, oferecido ao primeiro termo do curso de Psicologia da Universidade Federal de São Paulo Campus Baixada Santista. O módulo foi organizado por temas dentro da psicologia, com um professor do curso ministrando cada tema. A aula foi sobre a saúde mental no Brasil e sua história e foi ministrada pela Profª Drª Maria Inês Badaró Moreira, que me convidou a apresentar o meu projeto. Durante a aula, discutiu-se o modelo médico hegemônico que crê numa doença, sintomas e uma cura para estes e um modelo alternativo, que compreende um sujeito múltiplo, complexo, cujo adoecimento resulta de um desequilíbrio em uma ou mais esferas biopsicossociais das várias que compõem o humano (BRASIL, 2013). Essa discussão se relaciona diretamente ao tema proposto pela pesquisa, que estuda os sujeitos pelo recorte de sua construção biográfica e pessoal a partir da música. Pedi aos interessados que deixassem seu contato ao final da aula para que fosse marcada a entrevista. Um total de 17 alunos fez isso. Destes, 13 responderam ao contato inicial que fiz, confirmando o interesse em participar do projeto.

As quatro entrevistas foram realizadas entre maio e junho de 2019 na biblioteca do prédio central do Campus, onde acontecem quase todas as aulas do curso. O tempo das entrevistas variou entre 25 e 60 minutos. Os entrevistados assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e nesse escrito foram usados nomes fictícios para identificá-los.

O convite durante a aula introdutória de saúde mental e a realização das entrevistas na biblioteca foram pontos positivos, pois já havia uma discussão sobre o tema iniciada com a turma de alunos no momento do convite e pela biblioteca ser um local de fácil acesso para os graduandos, uma vez que frequentamos o prédio central diariamente. O roteiro de perguntas, resgatando aspectos da infância, os lugares passados e as pessoas então presentes foi um facilitador para o resgate de memórias

pelos entrevistados. As perguntas sobre emoções e reflexões sentidas ajudaram a tornar o momento da entrevista de reflexão sobre o vivido.

Todos os entrevistados não têm sua origem em Santos: três são do interior de São Paulo, das cidades de Atibaia, Araras e Pirassununga, e um é de Praia Grande, cidade da Baixada Santista. A faixa etária variou entre 18 e 20 anos. Os entrevistados do interior vieram morar em Santos, em república, enquanto a de Praia Grande se desloca diariamente até a cidade. Destaca-se a aparição de artistas americanos, quase na mesma proporção que de brasileiros, indicador da forte influência que a cultura americana possui no Brasil.

Em todas entrevistas e de forma geral, a formação de vínculo aconteceu facilmente. Esse momento de investigação foi uma experiência ímpar durante minha formação, sendo o primeiro em que sozinho realizei intervenções individuais.

Nas duas últimas entrevistas, já possuía uma experiência prévia e se reforçou em mim a ideia daqueles momentos como de intervenção. Na terceira entrevista, o entrevistado trouxe a questão de não ter feito aula ou aprendido a tocar violão quando criança como uma frustração que percebia naquele momento. Na última, a entrevistada trouxe um sofrimento psíquico intenso e conflitos em sua vida ainda não resolvidos. Os entrevistados demonstraram bastante interesse em responder as perguntas e falar de suas trajetórias.

Pude ver muitas semelhanças entre mim e os entrevistados: passar a andar de bicicleta na adolescência, aprender a tocar violão, o gosto por rock, crescer ouvindo música pop. Uma entrevistada citou um dos artistas que mais tenho ouvido em 2019; comentou sobre a música "Quando Bate Aquela Saudade", cuja melodia na introdução a toca bastante e a lembra das batidas do coração.

O maior tema comum encontrado nas entrevistas foi o do **amadurecimento**. O tema apareceu ao longo de diversos assuntos nas entrevistas.

Isabella comenta da percepção que desenvolveu sobre o mundo social, quanto a questões de gênero e raça, ao longo da sua adolescência. Para isso, traz elementos de referência como a cantora Beyoncé. Beyoncé é uma cantora pop estadunidense de 38 anos que conquistou notoriedade mundial, estando entre as artistas que mais venderam álbuns e as mais influentes do século, tendo sucesso comercial há vinte anos.

Engajou-se no movimento feminista, o que se refletiu, ao longo de sua carreira, na forte conotação política que suas músicas ganharam, como forma de afirmação de mulheres, negros e mulheres negras.

Nossa, dos meus 10 até hoje, tipo, Beyoncé, Beyoncé, Beyoncé, Beyoncé. Sempre foi. Porque eu achava muito da hora, tipo, como ela era mulher e ela era toda incrível, sabe, o tempo inteiro. E ela sempre, né, as letras das músicas dela, conforme eu fui crescendo, que eu fui entendendo como o mundo funciona, e aí a gente vai vendo como ela sempre lutou, tipo, **pras mulheres serem iguais aos homens**, entendeu? (Entrevista 1, grifo nosso)

A partir da cantora, ela relata uma grande mudança de pensamento que teve e conflitos que foram surgindo com os valores de seus pais. Também conta de situações vividas nas quais, posteriormente, percebeu injustiças que sofreu.

Várias, inclusive exemplos básicos, até inclusive dentro da minha família, dentro da minha casa eu via o jeito que o meu pai tratava o meu irmão e o jeito que o meu pai tratava a minha irmã. [...] Mas era um negócio não muito explícito para mim. E quando eu era mais nova, não entendia porque que tinha essa diferença. Sempre percebi que era diferente. No sentido assim: ahn, meu irmão fazia alguma coisa com o carro, meu pai ia consertar o carro. Minha irmã fazia alguma coisa com carro, “nossa, mas tinha que ser mulher né? Pra consertar agora cê vai trabalhar para pagar o seu carro”. E eu ficava “mas por que que o do meu irmão ele pagou e o da minha irmã não? Não tem sentido”. E aí eu fui crescendo e aí fui falando “não, se ele vai pagar pro meu irmão, ele vai pagar pra mim também”. [...] E aí esse, esse foi o amadurecimento que eu fui tendo. (Entrevista 1)

Certos caras da minha sala do ensino médio, quando eu ia falar, aí eu levantava a mão, aí falavam em cima do que você tinha falado, nossa, que ódio que eu tinha disso, sabe, nossa, uma raiva. E eu ficava quieta, porque eu achava que era tudo bem né, ele falou. E aí depois que, né, fui conhecendo certas coisas, eu falei “não, mano, ou, fica quieto” eu tô falando, entendeu, se não é a sua vez de falar, espera eu terminar de falar. (Entrevista 1)

Nos dois exemplos, comenta de uma tomada de atitude, contra um tratamento diferente dado por seu pai e ao ser interrompida na escola. Beyoncé tratou sobre o tema da igualdade gênero e o empoderamento feminino em algumas de suas músicas, desde o começo de sua carreira, quando estava no grupo Destiny’s Child. As músicas focam em aspectos diferentes do que a entrevistada traz, porém afirmam a força e a independência do feminino.

Agora que está fora de minha vida
Estou muito melhor
Você pensou que eu estaria fraca sem você
Mas estou mais forte
Você pensou que eu estaria falida sem você
Mas estou mais rica
Você pensou que eu estaria triste sem você
Eu rio com mais vontade

Você pensou que não cresceria sem você
Agora estou mais sábia
Você pensou que eu estaria paralisada sem você
Mas estou mais esperta
Você pensou que eu estaria mais estressada sem você
Mas estou "de boa"
Você pensou que eu não conseguiria vender sem você
Vendi 9 milhões

Eu sou uma sobrevivente (O quê?)
Eu não vou desistir (O quê?)
Eu não vou parar (O quê?)
Eu vou trabalhar duro (O quê?)
Eu sou uma sobrevivente (O quê?)
Eu vou conseguir (O quê?)
Eu vou sobreviver (O quê?)
Eu vou continuar sobrevivendo (O quê?)

Survivor - Destiny's Child (2001)

O calçado nos meus pés
Eu comprei
As roupas que eu estou vestindo
Eu comprei
Os diamantes que eu estou balançando
Eu comprei
Porque eu dependo de mim

Se eu quiser o relógio que você está usando
Eu comprarei
A casa onde eu moro
Eu comprei
O carro que estou dirigindo
Eu comprei
Eu dependo de mim
(Eu dependo de mim)

Todas as mulheres que são independentes

Joguem suas mãos para o alto para mim
Todas as queridas que fazem seu próprio dinheiro
Joguem suas mãos para o alto para mim
Todas as mães que ganham dólares
Joguem suas mãos para o alto para mim
Todas as mulheres que realmente me sentem
Joguem suas mãos para o alto para mim

Independent Woman Pt I - Destiny's Child (2001)

Beyoncé deu declarações públicas contra a violência policial e participou de um protesto, junto de seu marido, o também mega influente rapper Jay-Z, contra a morte do jovem negro Trayvon Martin, em 2012.

Um de seus maiores atos foi em 2016, durante o SuperBowl 50 - a final da liga estadunidense de futebol americano e um dos eventos televisivos de maior audiência mundial. Beyoncé e suas dançarinas entraram no palco usando uniformes do movimento “Black Panthers”, fundado na década de 1960 que lutou pelos direitos civis de negros americanos, e cantou a música “Formation”, lançada no mesmo dia. O videoclipe da música faz várias referências à cultura negra americana e também à violência policial contra americanos. Sua letra afirma a identidade e a autoestima da população negra:

Todos vocês invejosos se moendo com esse papo Illuminati
Paparazzi fotografam meu estilo e minha arrogância
Sou tão ousada quando arraso no meu vestido Givenchy (estilo)
Sou tão possessiva que uso os colares do meu marido
Meu pai é do Alabama, minha mãe da Louisiana
Você mistura esse negro com aquela crioula e faz uma garota rebelde do Texas

Eu gosto do cabelo da pequena herdeira, com o cabelo de bebê e afro
Eu gosto do meu nariz de negro com as narinas do Jackson Five
Ganhei todo esse dinheiro mas eles nunca vão tirar minha terra de mim
Eu tenho molho de pimenta na minha bolsa, estilo

Eu não vim para brincar com vocês, piranhas
Eu vim para arrasar, vadia
Eu gosto de pão de milho e couve, vadia
Oh sim, é melhor você acreditar
[...]

Eu vejo, eu quero
Dou close, yeah, negra considerada branca

Eu sonho, eu trabalho duro
Eu me esforço até conseguir
Acabo com meus inimigos
Piso se for necessário
El Camino com o banco baixo
Bebendo Cuervo sem ser perseguida

Às vezes dou um tempo (dou um tempo), vou com tudo (vou com tudo)
Consigo o que é meu (pego o que é meu), sou uma estrela (sou uma estrela)
Porque eu arraso (arraso), eu arraso (hey)
Eu arraso, eu arraso
O dia todo, eu arraso
Eu arraso, eu arraso
[...]

Okay, senhoras, agora vamos entrar em formação (porque eu arraso)
Okay, senhoras, agora vamos entrar em formação (porque eu arraso)
Me prove que você tem alguma coordenação (porque eu arraso)
Arrase direito ou vai ser eliminada (eu arraso)
[...]

Talvez eu faça sua música tocar na rádio (porque eu arraso)
Talvez eu faça sua música tocar na rádio (porque eu arraso)
Você pode ser o próximo Bill Gates negro (porque eu arraso)
Eu posso ser o próximo Bill Gates negro (ha!)
[...]

Okay, senhoras, agora vamos entrar em formação (eu arraso)
Okay, senhoras, agora vamos entrar em formação
Você sabe que é foda quando causa todo esse burburinho
Seja sempre graciosa, melhor vingança é o seu dinheiro

Formation - Beyoncé (2016)

A apresentação teve muita repercussão no país, recebendo críticas como do ex-prefeito novaiorquino Rudy Giuliani, por criticar a atuação policial. A música é provavelmente a que assume maior tom político e mais forte posicionamento em sua carreira.

A entrevistada via as músicas e os temas que traziam inseridos na sua vida. Elas ajudaram-na a refletir que passava por algumas situações de discriminação e sobre sua imagem na sociedade.

E aí eu acho que assim, principalmente quando cê vai crescendo, cê vai passando por certas situações na sua pele e aí cê vai vendo que não é só na

letra da música, entendeu? Tipo, é realmente o seu convívio assim. (Entrevista 1)

[...] Do lado feminino, do lado da mulher negra, porque não sou negra, entendeu? **Sou parda com descendência indígena**, mas eu já sofri preconceito por causa da cor. E aí eu ficava muito puta quando eu era mais nova porque eu falava tipo “mano, não tem diferença nenhuma”, entendeu? (Entrevista 1, grifo nosso)

E ela falava, tipo, o tempo inteiro “**mano, mulher negra não tem visibilidade nenhuma**”, sabe? Parda também não. E aí eu comecei a pesquisar sobre, mas assim, foi muito um negócio meu sozinha, porque eu não cresci aprendendo que eu tinha que aceitar as coisas, me aceitar e lutar pelo que é meu de direito. Cê tem que ir na raça, entendeu? Quem sabe agora, com essa nova geração, a gente não ensine as pessoas que não é assim. Mas, foi muito eu assim, a buscar e tal essas coisas. (Entrevista 1, grifo nosso)

Vê-se que, a partir desse processo de reflexão, a entrevistada assumiu um posicionamento político para sua vida e consolidou uma parte de sua identidade.

O tema do amadurecimento apareceu também na questão de aprender a tocar um instrumento e na vivência ligada à música. Por um lado, há um aspecto de se ver como uma pessoa capaz de reproduzir o que gosta e com capacidade de criação e expressão. De outro, um investimento de afetos, a identificação, um sentimento de pertencimento.

Um dos entrevistados, Jorge, teve um ambiente musical muito forte na família. Descreveu gostar bastante de rock psicodélico e progressivo, sendo Pink Floyd e Led Zeppelin duas de suas maiores referências na música. Durante a entrevista, trouxe vários relatos de como a música o afeta, no sentido da paixão, e despertava um ímpeto forte de ação.

Cara, tem uma emoção [...] muito única, que eu sinto às vezes, que tipo... Vontade de estar fazendo aquilo, sabe? [...] acontece muito com Pink Floyd, que eu tô escutando uma música deles muito loucas, com solos assim que você fica “mano, que perfeito”. Eu fico “queria estar fazendo isso, eu queria que isso tivesse saindo de dentro da minha cabeça”... (Entrevista 03)

Desde muito pequeno, tipo, eu lembro uma vez que eu ganhei uma guitarra pequena, eu ficava toda hora com ela fingindo que eu tava tocando e tal. (Entrevista 03)

Apesar desse encanto e de que em sua família houvessem músicos e muitos instrumentos sendo tocados, essa vontade demorou para tomar concretude.

A minha vida toda eu procurei aula de violão, na verdade, violão e guitarra, mas é que nunca deu certo sabe, ou era muito caro, ou meu tio não podia me ensinar, que eu tinha um tio que podia mas não rolou, porque ele mudou de cidade muito cedo assim, [...] então nunca deu certo. (Entrevista 03)

Eu não sei porque não me colocaram na aula de violão logo, sabe? Tava meio claro. (Entrevista 03)

Em certo momento, aos 16 anos, ele toma a atitude de aprender a tocar violão, inicialmente com a ajuda de outros e depois por conta própria. Tem facilidade e começa a se desenvolver no instrumento. Passa a fazer escolhas se projetando como violonista.

Até que um dia eu peguei "não, eu vou aprender sozinho", tipo, tinha um violão sobrando lá, peguei pra mim e comecei, sabe? Daí, na época eu ia muito pra igreja, então um cara da igreja começou a me ajudar, até eu conseguir pegar sozinho. Só que daí um ano depois, sozinho, eu resolvi que eu queria estudar mesmo e saber tocar, daí eu fui atrás de aula de erudito e fui seguindo meu caminho, estudando melhor. (Entrevista 03)

A emoção que experimenta ao reviver esse momento é de muito ânimo e de realização. Agora ele conseguia fazer o que sonhava antes.

Eu toco violão por causa do meu tio, que é religioso [...]. E [...] eu aprendi músicas religiosas no começo, que era mais fácil, e aí eu aprendi músicas que eu via o meu tio cantar quando eu era pequenininho, [...] quando ele ainda morava com a gente assim. E, mano, eu lembro que quando juntou isso meu cérebro fez "pa!", mano [...] que maluco, sabe. (Entrevista 03)

[...] eu fiquei "mano, eu vi alguém fazendo e agora eu tô fazendo, sabe, igual" e é muito louco o sentimento né, tipo, voltar pro seu passado de alguma forma assim sentimental, sabe, só que de uma forma também muito diferente porque... Dessa vez eu não era o ouvinte, eu era o... Eu era quem tava executando sabe, então... Como que eu posso dizer, eu tava meio que no controle de tudo isso também, foi muito louco, sabe. (Entrevista 03)

Tanto que quando eu comecei a tocar violão e a gente, tipo, tocava junto, vou voltar um pouco desse sentimento de tipo... Só que dessa vez eu tava num nível acima né, tocando também. (Entrevista 03)

Jorge reflete sobre o que está sentindo durante a entrevista nesse trecho e ressalta o fato de agora ter poder criativo sobre a música. Hoje sua escuta de música está

bastante voltada a se desenvolver e a pesquisar e conhecer sons e possibilidades musicais, pensando, inclusive na composição.

Eu que gosto de escrever, gosto de tentar escrever, brincar de escrever, é muito legal que vejo as diferentes formas e as diferentes ideias que as pessoas podem ter e pensar [...] “nossa, eu posso pensar dessa forma pra chegar em outras coisas também”, sabe? Isso é muito da hora, tanto que eu comecei a pesquisar mais artistas diferentes, porque queria mais influências, sabe? [...] eu cheguei no Dylan porque eu queria alguém que escrevesse muito bem, sabe, daí fui pro Jazz porque eu queria entender melhor assim, as diferentes formas de tocar um instrumento. (Entrevista 03)

Agora tem um cara de São Paulo que eu tô escutando, que eu acho que ele canta muito legal, assim, [...] mostra bastante o que eu queria fazer, chama Pedro Pastoriz [...]. Ele escreve de um jeito meio engraçado e aí eu fico “caramba, que sacada boa”, sabe? (Entrevista 03)

E tem toda uma letra meio macabra [“A Little Piece of Heaven” - Avenged Sevenfold], o refrão assim meio irônico e eu ficava “mano, que da hora” sabe, se eu tivesse escrito essa música eu escreveria com certeza esse refrão, eu gosto muito dele, acho que ele tem [...] uma quebra de expectativa muito boa, mas a quebra de expectativa tem uma outra quebra, porque você vê que, tipo, ele se arrepende mas não se arrepende do que ele fez, [...] daí ele usa umas frases inversas [...], muito irônicos, numa parte que não deveria ser irônica, daí você vê que na verdade é uma coisa perversa. (Entrevista 03)

Ao longo da entrevista, descreve como a música está presente no seu dia-a-dia, fazendo parte de muitas horas dele. Conta que às vezes vai a pé para a faculdade ou tem vontade de descer antes de seu ponto no ônibus para ter mais tempo de ouvir música.

E fora esses momentos, tem horas que eu pego pra escutar uma música, que eu digo que é [...] o meu momento de pesquisar música, eu pego um artista que eu não conheço direito para ver os álbuns dele, ouvir algum show que falam que é bom, esse tipo de coisa, sabe? Eu gosto muito, faço praticamente todo o meu tempo isso. (Entrevista 03)

O crescimento pessoal e a relação com a música e com um instrumento aparecem nas falas do outro homem entrevistado. Hugo descreve que era uma criança reservada. Gostava de certos gêneros musicais como eletrônica, dubstep e rap. Conforme foi crescendo, conheceu novos artistas, entrou em contato com letras que o fizeram refletir, começou a fazer aula de violão e modificou seu gosto. Relembra que,

ao mesmo tempo em que isso ocorreu, sua personalidade mudou. Passou a ouvir blues, Pink Floyd e Bob Dylan. Estes últimos são duas de suas maiores referências na música.

Como o meu gosto musical mudou, que nem eu falei, acho que minha, um pouco da personalidade também mudou. Mas eu não sei se a personalidade mudou porque o gosto mudou, ou a música mudou porque a personalidade mudou. Ou as duas mudaram juntas. Mas... Quando eu era menor, eu ouvia bastante *dubstep*, eletrônica, até sertanejo assim. Mas, eu não ligava tanto pra leitura, pra um monte de questão filosófica, essas coisas. E... Eu era mais na minha sabe. Daí eu comecei a me soltar um pouco mais, falar um pouco mais com as pessoas e daí as amizades foram mudando também. E eu mudei de escola nessa época e eu me dei melhor com o pessoal da nova escola. [...] Daí [...] eu comecei a me soltar mais com eles, conversando, e daí acho que foi mudando um pouco mais da minha personalidade, não gostava mais tanto de ficar em casa, gostava mais de sair e eu comecei a pedalar. E [...] quando eu comecei a pedalar, foi quando eu comecei a sentir mais reflexão [...]. Daí eu senti que as músicas começaram a mudar mais ou menos nesse ponto. E eu comecei a fazer aula. E daí eu praticamente já tinha deixado os outros estilos musicais. (Entrevista 02)

Na entrevista, pareceu ser alguém introspectivo, que se interessa por questões filosóficas e existenciais. Sua mudança de gosto musical, em que tornou-se mais confiante de si, contemplou esse interesse, deixando gêneros que possuem bastante sucesso comercial para uns mais alternativos, como blues ou o folk de Bob Dylan. Comenta de uma viagem pela serra em Poços de Caldas, na qual ouviu uma música de Bob Dylan e outras e teve uma experiência contemplativa da paisagem.

E também teve uma vez que eu fiquei com um amigo meu da minha cidade lá, a gente mora mais ou menos [...] uma hora e meia [...] de Poços de Caldas, [...] Minas Gerais. E tem uma estrada muito bonita, daí teve um dia que a gente pegou e foi de bicicleta até lá, [...] é muita subida, muita serra, é cansativo, mas foi bem legal. E a gente foi ouvindo música, [...] eu não lembro todas as músicas que tavam. Mas tinha uma que era *Blowin' in The Wind*, do Bob Dylan, que eu falei. Acho que foi aí que começou a me marcar mais essa música. (Entrevista 02)

E... De novo lá na viagem de bicicleta [...], eram umas músicas com umas letras mais reflexivas [...] e, vendo toda aquela paisagem de montanha assim, era... Eu fiquei bem reflexivo depois. (Entrevista 02)

Bob Dylan trouxe temas filosóficos, sociais e políticos para o cenário pop estadunidense, na década de 1960. Seu estilo de compor e de cantar é bastante único, usando em geral poucos acordes e letras trabalhadas, reflexivas, irônicas. Em 2016, se tornou o primeiro músico a ser premiado com o Nobel da Literatura. “Blowin’ in The Wind” é uma de suas canções mais famosas. Estruturada em uma série de perguntas abstratas, a música é considerada um hino a favor dos direitos civis estadunidenses. Sua melodia é inspirada na música "No More Auction Block/We Shall Overcome", cantada por escravos africanos-americanos. Ela é tida como uma música espiritual, conforme confirmado por Dylan na época de seu lançamento. Essa impressão parece estar presente na descrição que o entrevistado dá a ela e compor, junto das perguntas retóricas da letra, com o momento de reflexão e ressignificação que ele narra.

Quantas estradas um homem precisará andar
Até que possam chamá-lo de homem?
Sim, e quantos mares uma pomba branca precisará sobrevoar
Até que ela possa dormir na areia?
Sim, e quantas balas de canhão precisarão voar
Até serem para sempre banidas?

A resposta, meu amigo, está soprando ao vento
A resposta está soprando ao vento

Sim, e quantos anos uma montanha pode existir
Antes que ela seja dissolvida pelo mar?
Sim, e quantos anos algumas pessoas podem existir
Até que sejam permitidas ser livres?
Sim, e quantas vezes um homem pode virar sua cabeça
E fingir que ele simplesmente não vê?

A resposta, meu amigo, está soprando ao vento
A resposta está soprando ao vento

Quantas vezes um homem precisará olhar para cima
Até que ele possa ver o céu?
Sim, e quantas orelhas um homem precisará ter
Até que ele possa ouvir as pessoas chorar?
Sim, e quantas mortes ele causará até saber
Que pessoas demais morreram?

A resposta, meu amigo, está soprando ao vento
A resposta está soprando ao vento

Blowin' in the Wind - Bob Dylan (1963)

Ele comenta de outra viagem que o marcou por conta de músicas, dessa vez em um projeto social com a escola:

Teve uma vez que, na escola que eu estudava, a gente fez todo projeto social pro Vale do Jequitinhonha, que é lá no norte de Minas, então, a gente viajou mais ou menos 24 horas de ônibus, é muito tempo. Então... Em 24 horas deu até pra ver filme no ônibus e... Ouvindo música também. Daí a gente ouviu bastante, eu lembro que tinha Gabriel Pensador, eu achei bem legal, que... As letras também eu gostava bastante, então, depois disso eu comecei a gostar do Gabriel Pensador, comecei a ouvir bastante ele. (Entrevista 02)

[...] Também tinha uma lá que era *Time* do Pink Floyd [...]. E, não sei, ela mostra bastante esse negócio de crescer, sabe. Então eu fui meio que pensando nessa letra também nessa viagem. (Entrevista 02)

Gabriel, o Pensador é um rapper carioca que teve seu auge de sucesso na década de 1990 e começo dos anos 2000. Suas músicas criticam a desigualdade social, corrupção, racismo, uso de drogas e alienação, entre outros assuntos. Muitas vezes, utiliza-se de ironias, sátiras e humor em suas músicas.

A música “Time”, do Pink Floyd, fala sobre a passagem da vida, nossas escolhas e projetos de vida, assim como o envelhecimento e a perda da juventude.

O tempo passa em meio a momentos que fazem um dia monótono
Você perde tempo gastando as horas de modo descuidado
Perambulando por aí, em sua terra Natal
Esperando alguém ou algo que te mostre o caminho

Cansado de ficar deitado com o Sol lá fora
Ficar em casa vendo a chuva
Você é jovem e a vida é longa
E há tempo para matar hoje
E então um dia, você descobre
Que dez anos ficaram para trás
Ninguém te disse quando correr
Você perdeu a largada

E você corre e corre para alcançar o Sol, mas ele está se pondo
Dando a volta, até surgir novamente atrás de você
O Sol é o mesmo, de forma relativa, mas você está mais velho
Com menos fôlego e um dia mais próximo da morte

Cada ano que passa fica mais curto
Parece nunca arranjar tempo
Planos que tampouco deram em nada
Ou meia página de linhas rabiscadas
Se apegando a um desespero silencioso, este é o jeito Inglês
O tempo passou, a música acabou
Pensei que eu teria algo mais a dizer

Em casa, novamente em casa
Eu gosto de estar aqui quando posso
Quando chego em casa cansado e com frio
É bom para esquentar meus ossos ao lado da lareira

Bem longe, do lado de lá do campo
O badalar do sino de ferro
Chama os fiéis, de joelhos
Para ouvir os feitiços lançados suavemente

Time - Pink Floyd (1973)

Bianca tem 18 anos e apresentou uma história de bastante sofrimento e do enfrentamento deste, muitas vezes sozinha e de uma forma ligada à música. Falou de um sentimento de isolamento que sentiu ao longo da vida. Teve uma criação bastante rígida e por conta dela não podia sair de casa para lazeres habituais da sua idade: se havia um aniversário ou alguém a convidava para sair para comer seu pai não a deixava ir. “Cá entre nós, atualmente é muito difícil você ser uma criança que não tem um convívio social assim, de sair nem que seja pra ir pra praia de manhã e eu não podia fazer isso” (Entrevista 04). Isso contribuía para que se sentisse diferente das outras pessoas que convivia.

Era uma criança muito inteligente e que percebia muito sobre o que acontecia à sua volta. Por conta disso, aos 12 anos, começou a ficar mais fechada. Ao chegar na adolescência, os sentimentos de isolamento e exclusão foram se intensificando. Podia apenas ir até a escola e voltar para sua casa. Mencionou duas músicas que ilustravam como estava se sentindo: “Clarisse”, da Legião Urbana, e “Lado de Lá”, da cantora Pitty.

A música fala sobre uma jovem e ela aparentemente [...], não é dito na música, [...] tem algum desequilíbrio emocional, talvez depressão, talvez ansiedade, e as pessoas ao redor dela também tem, por exemplo, na música diz que um amigo dela foi internado e a outra cometeu suicídio, e aí essa

música eu me sentia bem, é essa que me representa. Porque eu, eu me sentia triste por não poder, como eu posso dizer, por não poder participar, porque a minha vida era escola e casa, em casa não tem, **até hoje eu não tenho um bom relacionamento com o meu pai e na escola, eu era meio isolada**, então eram coisas que eu não tinha outro, uma... Uma coisa que me deixasse mais feliz, sabe, então era basicamente isso. Era uma música que eu falava assim, é essa. (Entrevista 04, grifo nosso)

E tinha uma música chamada "**Lado de Lá**", que também me represent... **Não é que me representava, mas que eu gostava dela, que ela me fazia me identificar mas sem me identificar realmente, assim, eu gostava dela, eu entendia ela, eu me sentia nela, mas a situação não acontecia comigo.** Aí essa música ela dedicou **pro amigo dela que tinha se suicidado.** (Entrevista 04, grifo nosso)

As músicas evocavam pessoas com grave sofrimento mental, envolvendo questões como depressão, ansiedade, internação e suicídio. Mas nas duas havia um questionamento que trazia esperança, falando de superação. Entrar em contato com elas foi o modo de ela lidar com a solidão, a tristeza e a repressão que sentia.

E que a maldade anda sempre aqui por perto
A violência e a injustiça que existe
Contra todas as meninas e mulheres
Um mundo onde a verdade é o avesso
E a alegria já não tem mais endereço
Clarisse está trancada no seu quarto

Com seus discos e seus livros, seu cansaço
Eu sou um pássaro
Me trancam na gaiola
E esperam que eu cante como antes
Eu sou um pássaro
Me trancam na gaiola
Mas um dia eu consigo resistir
E vou voar pelo caminho mais bonito
Clarisse só tem quatorze anos

Clarisse - Legião Urbana (1997)

Me identificava, muito, muito, muito. Ainda mais porque no final ele fala "**eu sou um pássaro, me prendem na gaiola, mas um dia eu consigo existir**". E aí essa parte eu me identificava porque **eu era o pássaro, eu estava presa na gaiola, mas um dia eu ia conseguir sair daquela gaiola**, então era essa música, a principal. (Entrevista 04, grifo nosso)

"O Lado de Lá", da Pitty, que ela fala... Que a pessoa escolheu, escolheu, ela teve a escolha de ir para o lado de lá. E aí ela nem, no momento da música, **ela fala que a pessoa não esperou pra ver como seria um tempo mais pra frente**, por exemplo, **e a pessoa partiu, ela não esperou**, não quis ver, **não quis esperar meio que uma reconciliação do que tava acontecendo com ela**. (Entrevista 04, grifo nosso)

Os artistas estavam falando sobre sofrimentos análogos ao que ela estava passando e suas músicas foram uma ferramenta para ela se fortalecer. A entrevistada reconhece isso, afirmando que a escuta e a reflexão, a partir do instrumental e da letra da música, foram “uma das grandes coisas que me ajudaram também durante a adolescência” (Entrevista 04).

Mas assim que acabava, eu parava pra refletir na letra, tudo que tava acontecendo, eu me sentia um pouquinho mais aliviada. (Entrevista 04)

Então, a música me ajudou, nessa parte de entender que são momentos, não é eterno, sabe? (Entrevista 04)

Há uma música da Cássia Eller em que o eu lírico chega a explicitamente pedir ajuda. Bianca a cita ao falar de músicas com as quais se identificava: “eu gostava muito desse também. É uma parte meio triste” (Entrevista 04).

Socorro, não estou sentindo nada
Nem medo, nem calor, nem fogo
Não vai dar mais pra chorar, nem pra rir

Socorro, alguma alma, mesmo que penada
Me entregue suas penas
Já não sinto amor, nem dor, já não sinto nada
Socorro, alguém me dê um coração
Que esse já não bate, nem apanha
Por favor, uma emoção pequena

Qualquer coisa
Qualquer coisa que se sinta
Em tantos sentimentos
Deve ter algum que sirva

Socorro, alguma rua que me dê sentido
Em qualquer cruzamento, acostamento, encruzilhada
Socorro, eu já não sinto nada, nada

Socorro - Cássia Eller (1994)

Ao falar sobre essa temática, comenta ainda da música “Surfando Karmas & DNA”, do Engenheiros do Hawaii:

Quantas vezes eu estive
Cara a cara com a pior metade?
A lembrança no espelho
A esperança na outra margem

Quantas vezes a gente sobrevive
À hora da verdade?
Na falta de algo melhor
Nunca me faltou coragem

Se eu soubesse antes o que sei agora
Erraria tudo exatamente igual

Tenho vivido um dia por semana
Acaba a grana, mês ainda tem
Sem passado nem futuro
Eu vivo um dia de cada vez

Quantas vezes eu estive
Cara a cara com a pior metade?
Quantas vezes a gente sobrevive
À hora da verdade?

Se eu soubesse antes o que sei agora
Iria embora antes do final

Surfando Karmas & DNA - Engenheiros do Hawaii (2002)

Sobre ela, destaca a última estrofe, como algo que a fez refletir. “Se soubesse o que seria essa vida, teria escolhido não vivê-la”. Pensamentos sobre morrer podem ser uma primeira aproximação com a ideia suicida. É importante refletir sobre o tabu que o suicídio ocupa em nossa sociedade e o quanto isso corrobora com que o sofrimento de muitos mantenha-se escondido. Há muita dificuldade em se falar sobre a morte, pouca educação emocional ensinada e muito julgamento em torno daquele que planeja ou age para tirar a própria vida. O suicídio configura-se como uma importante questão de saúde pública, sendo avaliado como a segunda maior causa de mortes entre a população de 15 a 29 anos (WHO, 2014).

Por meio do que ouvia nas músicas, ela se dava conta de que existiam outras pessoas que haviam passado por algo muito similar ao que ela estava vivendo; portanto, podia dar algum sentido à sua experiência, percebendo a dor envolvida naquela história, tanto de quem estava sofrendo quanto das pessoas que haviam perdido uma pessoa amada, o que a encorajava a se manter forte.

Uma pesquisa foi conduzida com 1867 pessoas que haviam tido alta após uma internação em hospitais gerais por conta de uma tentativa de suicídio, em 5 países em desenvolvimento (Brasil, China, Índia, Irã e Sri Lanka). Foi realizada uma intervenção dividida em dois grupos. O primeiro recebeu o tratamento padrão para o caso, um encaminhamento para um serviço de saúde apenas. Com o segundo grupo, além do encaminhamento, foi feita com cada pessoa uma entrevista e ligações semanais com o objetivo de incentivar o tratamento no serviço de saúde (FLEISCHMANN, 2008).

Após 18 meses, mediu-se o número de suicídios consumados entre os dois grupos, e o segundo teve uma porcentagem 10 vezes menor do que o primeiro (0,2% em relação a 2,2%). Atribui-se esse fato a construção de uma narrativa a respeito do ocorrido. A tentativa de suicídio muitas vezes é vista sob um prisma de vergonha pela família e pelo sujeito e colocada no esquecimento. “A ideia, com os telefonemas, além da manutenção da adesão a um tratamento, era de que a pessoa contemplada pudesse integrar e ressignificar essa vivência” (BOTEGA, 2010, p. 233).

A aposta no diálogo e na escuta também é a proposta do Centro de Valorização da Vida, que mantém uma linha telefônica (188) desde 2017 para toda pessoa que precisar ou quiser a escuta e conversar, sob total sigilo e anonimato. Conta também com postos de atendimentos em diversas cidades brasileiras e canais *online* para isso (CENTRO DE VALORIZAÇÃO DA VIDA, c2019).

De forma mais geral, muitas das oficinas terapêuticas propostas nos serviços de saúde mental tem também o sentido da ressignificação do vivido, propiciando ao sujeito o (re)conhecimento de si e também sua inserção no comum, fortalecendo o sentido do pertencimento a um coletivo e uma história partilhada. O grupo Harmonia Enlouquece representa alguns dos desafios enfrentados pelos usuário da saúde mental, como na música “Será Que Dá?”:

Balança a cabeça
Não estou com cabeça
Será que dá?
Ausência de vida
Mentes vazias
Será que dá?
Corpos perfeitos
Mentes atentas
Será que dá?

Para conseguirmos
nos realizar
E, assim, seguir
e chegar
em algum lugar
Vamos avançar
Escritório,
relógio de ponto,
tolerância
Hora do rango,
do pagamento,
vale transporte
Ticket restaurante,
comando vermelho,
de todas as cores

Chefe nervoso,
chefe tranqüilo,
chefe exibido, tarado
Metido e mandão,
assembléias e greves,
povos sem terra
Ai eu pergunto:
Será que dá?

Será Que Dá? - Harmonia Enlouquece (2001)

Outro tema que foi lembrado por todos os entrevistados foi a família. Lembrar a própria história toca necessariamente em falar de onde se veio. Nas memórias da infância, a casa, a avó, a rua, os cheiros e as viagens são resgatadas.

E tem uma, que eu descobri recentemente, do Michael Jackson quando ele era criança, que, mano, é super quietinha assim, é só ele e um violão, e um sonzinho assim, no fundo. Mano, nossa, me veio a lembrança da minha casa antiga, que era uma casa que eu amava e eu criança, brincando, escutando essa música eu fiquei “velho... Aaah”, sabe, tipo... Mas tem várias, tipo U2, que meu pai uma vez comprou um CD do U2 e uma música em específico me lembra da gente viajando... (Entrevista 03)

E ele estudou, ele se formou em música e tal, então ele tinha que estudar e tal, e [...] meu tio é padre, então ele cantava músicas da igreja e eu cantava junto e eu ficava escutando, tentando tocar também [...]. Daí era muito nesse clima de casa só que, tipo, eu lembro de eu brincando de caminhãozinho assim, na rua, com minha vó fazendo comida e ele tocando violão. (Entrevista 03)

Quando eu era menor eu gostava de ficar muito no meu tio né e [...] ele é psicólogo também, ele ficava lendo, lendo, lendo e falava algumas coisas de psicologia e eu achava legal. Acho que ele foi até um incentivo para eu começar a fazer psicologia. E ele ouvia bastante jazz enquanto ele lia, então por isso, eu gosto de ouvir jazz também por conta dele. (Entrevista 02)

No meu tio [...] me [...] trazia aquela sensação [...] de aconchego sabe, tipo, tá num ambiente tranquilo. (Entrevista 02)

Para Bianca, que não reside em Santos, esse contato familiar ainda é constante. Há também músicas da infância que permaneceram e trazem para o presente aquilo que se viveu anteriormente.

Ah, depende da música. Às vezes eu coloco uma música e chamo ela [mãe] pra ouvir. Aí ela ouve cinco segundos e sai. E tem outras que ela até canta comigo, por exemplo, sertanejo, que ela gosta muito de sertanejo, e aí ela fica cantando comigo, brincando. (Entrevista 04)

Nossa, [...] Bee Gees assim, as românticas do Bee Gees, [...] eu lembro de eu cozinhando com a minha mãe. Inclusive, quando eu tô cozinhando eu coloco essas músicas e fico, tipo, cantando junto, [...] é uma vibe muito boa. (Entrevista 03)

Quando minha mãe ia cozinhar geralmente ela colocava... Acho que seria uma música soul, assim, que é “Feeling Good”, da Nina Simone, alguma coisa assim. Daí toda vez que eu escuto essa música, eu lembro da minha mãe. (Entrevista 03)

Há, contudo, desavenças e dificuldades passadas com a família, algumas delas já citadas. Jorge, traz sua grande afeição pela música, tema central de sua narrativa, bastante ligada ao cenário musical com seus tios e pais.

É uma ligação muito importante que eu mantive, que eu mantenho na minha família [...], esse negócio do meu tio ter me inspirado a tocar violão, tipo, o violão que eu uso pra estudar, o meu melhor violão, é dele na verdade, [...] é uma coisa que eu uso muito, sabe? (Entrevista 03)

Conta de como havia certas ideias e gostos musicais transmitidos para ele em seu crescimento sem que houvesse um questionamento. Em sua adolescência, há uma confrontação com esses entendimentos familiares.

Meu tio sempre falou que não gostava de metal pesado, ele falava “não, é ruim” e eu reproduzia “não, é ruim”, e aí eu nunca tive interesse pelo, sei lá, thrash metal, até pouco tempo atrás, quando eu vi que realmente não sou muito fã mesmo. E o meu pai ele é muito fã de rock progressivo, isso foi mais recente, só que agora eu sou muito fã de rock progressivo também, sabe? (Entrevista 03)

Só que eu comecei a ter mais sensibilidade para as músicas, com certeza, que eu lembro que tinha uma banda que meu tio odiava, era o Slipknot, que eu ficava “meu, essa banda é muito boa, só que ninguém pode saber que eu gosto”, sabe? (Entrevista 03)

Isabella conta bastante do processo de descobrimento de seus ideais e esse choque de valores com sua família. Narra outras situações em que isso ocorre:

Porque eu sempre fiquei muito revoltada com as pessoas, sabe, não com as pessoas, mas com o jeito que as pessoas eram tratadas por determinadas razões que não faziam sentido algum na minha cabeça, entendeu? Então, eu sou corinthiana, e aí teve jogo do São Paulo, “ah, porque o Bambi vai jogar, porque o veado vai jogar” e eu ficava tipo “ah, papai, você já parou pra pensar que isso não tem sentido, tipo, nenhum, sabe [...]” e ele ficava “não, mas é costume”, mas costume a gente não pode desacostumar, menina, cê acredita? Rápido, a gente desacostuma com as coisas. Tava acostumada a todo mundo lavar as minhas roupas, eu lavo a minha própria roupa agora, desacostumei, ó, um-dois. (Entrevista 01)

Ela traz uma crítica ao comportamento do pai e reflete sobre sua posição de mudança, ao ir morar sozinha em outra cidade, montar sua casa, desenvolver seus costumes, como o de lavar sua própria roupa, e se desvencilhar de vivências, valores e práticas familiares.

Também comenta a respeito de um conflito em posições políticas durante as eleições presidenciais e na dificuldade de conversar sobre sua escolha de curso para o vestibular para psicologia, algo decisivo na constituição subjetiva social de uma pessoa, dado o valor que o trabalho ocupa em nossa sociedade. Apesar das diferenças, ela consegue conversar com seus pais e criar estratégias para colocar minimamente o que acredita.

Mas, assim, ó, conversei muito, porque era pra *Isabella* fazer direito, *Isabella* ia ter que fazer direito na São Francisco, USP, entendeu? *Isabella* tinha que fazer psicologia na USP também. Papai ficou meio assim que tá fazendo Unifesp, mas, ok... Mas era total, direito, pra advogar, pra lutar pelas leis, tal... Aí, só o lance de tentar falar para ele que eu queria fazer psicologia e eles começarem a entender mais ou menos, assim, o que que era, demorou. Mas conseguimos, espero. (Entrevista 01)

E agora, tipo, eu aceito, às vezes eu dou umas conversadinhas assim, com essa última eleição que teve, eu não vou nem comentar o estresse que eu passei dentro da minha casa, mas, né, a gente vai pulando os obstáculos. Ou só ignorando eles algumas vezes. (Entrevista 01)

Inclusive eu, nossa, [...] sinto muito orgulho de dizer que eu mudei muito o pensamento dentro da minha casa. (Entrevista 01)

Conta também de um show muito marcante em que conseguiu se reunir com todas suas amigas, em uma época da adolescência na qual ainda não tinha muita liberdade para sair de casa. Ano depois, relembra o episódio quando escuta a banda.

Quando a gente fez de 14 para 15 anos, teve um show do CPM22 num clube lá da cidade. E aí foi um parto para deixar, conseguir fazer com que a roda inteira fosse, sabe? Um parto, por que as mães não queriam deixar por nada, porque era um show de *rock*. Tipo, mas aí, no fim, né, aconteceu num clube - "clube" da cidade, uma associação atlética lá da cidade -, e aí como aquele negócio de mãe tradicional tal, deixaram. E foi um negócio, assim, que acho que nunca aconteceu, sabe, não aconteceu de novo depois, foi, tipo, só aquela vez que a gente conseguiu reunir todo mundo em algo que todo mundo queria ir, sabe? (Entrevista 01)

[...] Nossa e foi muito legal. Como a gente sempre gostou muito e, nossa, que dia, foi bem na turnê deles de 10 anos assim, então eles só tocaram hit, sabe? (Entrevista 01)

Bianca, por sua vez, apresenta um prosseguimento dos conflitos com o pai a respeito da autonomia mais difícil e doloroso, perdurando até o dia da entrevista.

Porque, eu acho que grande parte das coisas que hoje eu sinto, tem essa coisa de ter relação com a forma como ele lida com as coisas, porque pra ele é escola, casa, e aí sempre tem um embate, porque eu não, não sei ficar, eu acho que uma pessoa ela não pode ficar nessa coisa restrita de escola-casa, porque são dois ambientes em que você não tem liberdade, ainda mais convivendo com uma pessoa que é rígida, com uma mentalidade bem antiga, sabe? Ele não entende [...] que não é igual a antigamente. Então é difícil você conviver com isso, com uma pessoa assim. Não que eu não goste dele, mas a convivência não é fácil, sabe? (Entrevista 04)

Se eu falar eu vou na praia com os meus amigos, é um embate, é uma luta pra eu conseguir ir. Eu sempre consigo. Mas é uma luta, a gente sai brigado. (Entrevista 04)

Ela explicita esse conflito e enfatiza o rigor excessivo com que seu pai almeja manter a imagem de uma criação boa das filhas a partir de seus valores, impedindo-a de o máximo de vivências em que teria convívio social, pelo medo de uma gravidez. Ele não se dá conta do sofrimento que isso causa a ela.

Porque ele tem aquela coisa de, ai, a menina tem que casar virgem. Ai, a menina tem que se dar o respeito. A menina sozinha na rua, não é boa coisa. Então, ele tem muito isso e o maior medo é que a filha dele engravide. Mas não por causa, porque ela vai ter alguma consequência com isso, mas pela imagem que vão ter dele. Porque ele valoriza muito mais a forma como as outras pessoas veem ele, do que a forma que a família dele está. Então, [...] uma vez eu já disse isso pra ele, ele prefere mil vezes que as pessoas achem ele uma pessoa rude com filhos bons, do que ver a felicidade dos filhos. Sabe, às vezes o filho tá ali triste e ele não liga, porque pra ele as pessoas tão vendo ele bem, as pessoas estão achando que a criação dele é boa. Porque ele [...] tem essa fama onde a gente mora, de que, ai, as filhas dele são freiras, em casa. As filhas dele não fazem isso. Ah, mas as filhas dele são inteligentes. Então [...], ele ignora todo o fato da crítica por ele prender as filhas e só foca na parte de ah, as filhas dele são inteligentes. Então ele quer se vangloriar em cima de uma coisa que não faz bem. (Entrevista 04)

As narrativas possuem também diferenças entre si. Ao recapitularem a própria trajetória, lembrando-a por meio da memória das músicas, se destaca para os homens Hugo e Jorge uma relação sensível com a música, uma musicalidade. Para Hugo, está ligada a uma certa reflexividade, estética e contemplação, quando fala das viagens que fez, das letras que o fizeram refletir e das “questões filosóficas” apresentadas pelas músicas que ouve.

É Pink Floyd, eu gosto bastante por isso, que é bem... Eles passam bastante emoção pelas músicas. E eu acho as letras bonitas também, é tudo bem produzido, mas porque eles conseguem passar muita emoção. (Entrevista 02)

- E com Bob Dylan?

- Ah, é uma letra mais filosófica assim, eu acho. E o violão, eu gosto bastante do violão. (Entrevista 02)

E... De novo lá na viagem de bicicleta [...], eram umas músicas com umas letras mais reflexivas assim, e, vendo toda aquela paisagem de montanha assim, era... Eu fiquei bem reflexivo depois. (Entrevista 02)

Para Jorge, há a abertura de um horizonte, um descobrimento e um lazer diário, os quais chama de “pesquisa”. Enxerga um modo de expressão que gosta de estudar, o diverte e fascina.

De noite, eu pego umas coisas mais pra eu prestar atenção em letra, tipo um Bob Dylan, coisas que, sei lá, tem uma poesia muito bonita por trás sabe, e também mais íntima, então dá pra ir pegando no sono. (Entrevista 03)

Às vezes eu até não sei do que se trata até o momento, sabe? Isso dá muita raiva. Tipo, tô muito cansado, tô meio triste, queria escutar algo mais... Mais intimista do que eu tô escutando, sabe, e eu não consigo achar eu fico “ah, eu nunca vou chegar nisso” (Entrevista 03)

Eu que gosto de escrever, gosto de tentar escrever, brincar de escrever, é muito legal que vejo as diferentes formas e as diferentes ideias que as pessoas podem ter e pensar tipo “nossa, eu posso pensar dessa forma pra chegar em outras coisas também”, sabe? Isso é muito da hora, tanto que eu comecei a pesquisar mais artistas diferentes, porque queria mais influências, sabe? (Entrevista 03)

Começava a tomar o meu tempo livre e tipo... Sei lá, eu poderia estar assistindo filme, mas eu preferiria tá escutando música, sabe. (Entrevista 03)

Já Isabella e Bianca trazem um grande número de questões subjetivas de sofrimento, de variadas intensidades, precisando inclusive recorrer a profissionais da psicologia. A pressão da família e dificuldades na relação com o pai, as relações raciais e a desigualdade de gênero são alguns dos assuntos atravessados por construções históricas e posições políticas.

Isabella comenta da dificuldade que teve ao crescer tendo um corpo fora do padrão estético e a posterior aceitação que desenvolveu, também em contato com seu ídolo Beyoncé.

De situações de quando eu era mais nova, por exemplo, aí, coisas super idiotas que me deixavam super mal, porque eu sempre foi uma criança fora do padrão e até hoje, tipo, se você pensa no padrão de beleza, assim, eu não encaixo no [...] que é imposto hoje, entendeu? E aí eu sempre me sentia muito mal... E aí [...], com toda mídia e etcetera, as crianças, elas são doutrinadas desde pequena a achar que aquilo é o certo, então as pessoas me colocavam

para baixo achando que aquilo era o correto e eu me sentia extremamente mal e tal... E aí cê vai crescendo, cê vai vendo tipo “nossa, por que que isso é o certo, por que que eu não posso dar certo também?”. Muito da Beyoncé também, que colocou na minha cabeça, que tipo “miga, tá linda, entendeu? Tá tudo bem”. Ela e aí eu fui criando [...] um amadurecimento pra eu parar de pesquisa as coisas para eu me tornar que nem ela e tentar aceitar do jeito que eu sou. Porque eu via, tipo, ela era louca, indo na academia e fazendo dieta e não sei o quê e eu “nossa, não sou para essas coisas”. (Entrevista 01)

Esse assunto é tratado por Beyoncé na canção “Pretty Hurts”. Sua letra versa sobre o lado cruel da busca pela beleza e perfeição, que muitas vezes é adocedora, critica essa imposição às meninas e afirma que a cura para essa dor está na mudança de pensamento. Embora não seja de sua autoria, a cantora reforçou seu alinhamento às críticas à indústria de beleza e disse que a música se encaixava na ideia geral do seu álbum “Beyoncé” de encontrar o belo na imperfeição. No fim do videoclipe da música, são mostradas cenas da cantora concorrendo a um concurso de beleza na infância.

Miss, sua primeira pergunta
Qual a sua aspiração na vida?
Oh, bem, minha aspiração na vida seria
Ser feliz

Mamãe dizia: Você é uma menina bonita
O que você pensa, não importa
Escove seu cabelo, corrija os dentes
O que você veste é tudo que importa

É só mais uma etapa
O concurso afastará a dor
Desta vez, eu vou levar a coroa
Sem cair no chão, no chão

A beleza dói
Mostramos o que temos de pior
A perfeição é a doença da nação
A beleza dói
Mostramos o que temos de pior
Você tenta consertar algo
Mas você não pode consertar o que não pode ver
É a alma que precisa de cirurgia

Cabelo loiro, peito liso
A TV diz que maior é melhor
Praia do Sul, sem açúcar
A Vogue diz que mais magra é melhor

[...]

Não há médico ou remédio que possa curar esta dor
A dor está dentro e ninguém te liberta de seu corpo
É a minha alma, é minha alma que precisa de cirurgia
É a minha alma que precisa de cirurgia
Sorrisos de plástico e negação só te carregam até um certo ponto
Mas você quebrará quando a fachada de mentira te abandonar no escuro
Você é deixada com um espelho quebrado e os cacos de um belo passado

Pretty Hurts - Beyoncé (2013)

Isabella faz a ressalva de que Beyoncé tem muito forte o culto ao corpo que critica. Menciona outra artista, de perfil bastante diferente do de Beyoncé, em quem, assim como Bianca, se ancorou durante o enfrentamento de um quadro de ansiedade e depressão.

Demi Lovato é uma cantora e atriz pop de muito sucesso que começou sua carreira como atriz mirim e atingiu enorme sucesso no filme adolescente da companhia *Disney, Camp Rock*. A aceitação do corpo foi uma batalha desde criança, idade em que já convivía com transtornos depressivos e alimentares. Em 2010, ano em que completava 18 anos de idade, interrompeu sua turnê mundial e internou-se em uma clínica de reabilitação por conta de abuso de substâncias químicas. O fato inspirou o documentário *Stay Strong*, que aborda os problemas da cantora com a imagem e *bullying* desde a infância, bem como o período após sua saída da reabilitação. A mensagem título do filme, “permaneça forte” é referenciada por Isabella como uma inspiração e um espelho para lidar com suas próprias questões.

Gostava muito da Demi Lovato, muito, na minha época de adolescência assim e principalmente depois que saiu todo o lance dela da depressão e tal, eu tive isso de depressão, e [...], nossa, é muito louco repensar, tipo, uma frase que ela tatuou nos dois punhos, [...] era surreal, sabe?! “Stay strong” e foi total isso! [...] Eu, né, psicóloga, já ficava, “nossa, como que uma frase já vira todo esse negócio, que loucura”, mas completamente, tipo, tinha horas que eu tava tipo super mal, assim, com [...] transtorno de ansiedade no auge, e eu falava [...] “ eu não posso desistir agora”. Aí dava aquele choque, aí eu ia lá e escutava musiquinha dela, falava “viu, ó, se ela conseguiu eu tenho que conseguir também”, então vamo lá, “Stay strong”, que ela falou que era pra “Stay strong”, então vamo “Stay strong”, entendeu? (Entrevista 01)

O exposto sobre Demi Lovato levanta algumas questões acerca da superexposição pela fama e da necessidade de uma imagem consumível, atrelada à felicidade. Em 2017, em novo documentário sobre si, a cantora revelou que durante a gravação do filme sobre sua sobriedade estava usando cocaína. Mesmo assim, os assuntos pessoais que tornou públicos contribuíram para que pessoas como Isabella pudessem se fortalecer.

Retomando a história de Isabella, mais uma vez a comunicação com os pais se mostrou desafiadora. Eles pertencem a uma geração diferente da dela, na qual a saúde mental não era um foco de cuidado e um tema discutido abertamente. Ela conta que seu pai veio da roça, batalhou muito durante a vida e conquistou o cargo de representante em uma empresa multinacional, tendo um enorme esforço e mérito pessoal empenhado e conquistado pelo trabalho.

Sofrimento pra ele não pode, entendeu? A gente cura sofrimento no trabalho e a gente trabalha para a gente conseguir ter nossas coisas, trabalha, trabalha, trabalha, trabalho pra eles pode tudo, trabalham, depois trabalha. (Entrevista 01)

O seu sofrimento e a necessidade de tratamento foram mais um episódio de confronto e construção de uma convivência madura em sua casa.

Mas eu comecei a fazer terapia meio que assim, às escondidas só que não pode, né? Eu era menor de idade então tinha que ter consentimento do meu pai, a minha psicóloga falou ó, não dá mais, entendeu? Eu preciso conversar com seus pais. Aí falei, bom, agora vai. Estamos como? Ferrados. E aí eu lembro que o dia que eu fui contar para eles que eu tava fazendo terapia, eu tive uma super crise de ansiedade, tipo, de ter que parar no hospital pra tomar soro e aí a médica falou assim, minha mãe me levou no hospital porque achou que era, eu tenho arritmia cardíaca, [...] eu tenho tudo, achou que era algum problema de arritmia e a médica falou “não, sua filha precisa de terapia mesmo”. E aí eu falei “então, mãe, sobre isso, tenho uma novidade pra vocês, eu já tenho”, entendeu? E aí ela foi aceitando, mas assim foi impacto de ver, entendeu? (Entrevista 01)

Bianca trouxe as músicas citadas que versavam sobre a solidão que sentia. Identificou-se bastante com a letra de “Clarisse”, da Legião Urbana:

A música fala sobre uma jovem e ela aparentemente né, não é dito na música, [...] tem algum desequilíbrio emocional, talvez depressão, talvez ansiedade, e as pessoas ao redor dela também tem, por exemplo, na música diz que um amigo dela foi internado e a outra cometeu suicídio, e **aí essa música eu me sentia bem, é essa que me representa. Porque [...] eu me sentia triste por não poder, como eu posso dizer, por não poder participar**, porque a minha vida era escola e casa, em casa não tem, **até hoje eu não tenho um bom relacionamento com o meu pai e na escola eu era meio isolada, então eram coisas que eu não tinha outro, uma... Uma coisa que me deixasse mais feliz, sabe [...]**. Era uma música que eu falava assim, é essa. (Entrevista 04, grifo nosso)

Comenta que, mesmo após a entrada da faculdade, o sentimento de deslocamento perdura, podendo participar de poucos eventos sociais.

Porque foi uma época em que eu me sentia diferente, eu me sentia triste porque eu não podia me encaixar. **Até hoje eu não posso me encaixar totalmente, no meio social em que eu tô**. Por exemplo, na faculdade eu não consigo ter [...] aquele ciclo de amizades, aquela coisa, porque eu não tô [...] nos encontros deles, então eu não tenho essa amizade, eu tenho uma amiga, uma pessoa que anda comigo, sabe? Então... Eu associo muito e associava naquela época também as músicas [...] No meu estado naquela época. (Entrevista 04, grifo nosso)

É importante traçar-se um recorte de gênero para essas diferenças encontradas. Em uma sociedade organizada de forma patriarcal, os homens são apontados como detentores de maior propriedade e capacidade e são mais estimulados a demonstrarem-se como destemidos e ativos. Com as mulheres, há um exercício maior de cerceamento das condutas e condenações morais, ao mesmo tempo em que uma maior educação emocional é ensinada.

Esses fatores parecem ter relação com os dados colhidos, em que, enquanto para os homens se ressalta uma produção - fazer música - e um exercício do sensível, as mulheres trazem algumas questões de cunho emocional, em que se destaca a visão que ao meio social tem delas, sobre seu corpo, sua cor de pele, sua liberdade de ir e vir.

Foucault (1975) discorreu sobre o poder disciplinar, que dispôs de meios de confinamento para a vigilância individual: a fábrica, a família, a escola, o quartel, a prisão. O narrado por Isabella se encaixa nesse quadro, pelo deslocamento único entre escola e casa e a repressão que o pai opera. De uma forma excessiva, almeja a garantia

do cumprimento da norma que acredita: uma mulher adolescente não deve estar na rua, não pode viver a sexualidade e não pode engravidar.

O esquema disciplinar, bem como muitas das instituições que faziam parte dele, encontra-se em ruínas. A família é uma delas. Deleuze afirma que o poder se modificou em sua estrutura: vive-se na sociedade do controle (1992). O poder se dá por modulações, ao invés do confinamento. O contemporâneo, assim, abarca diferentes concepções, conflitantes. Bianca critica com muita firmeza as ações e motivações do pai, dizendo que ele não entende que o mundo não é mais como ele projeta. Isabella mostra também uma disparidade muito grande em termos de valores com seus pais. Contudo, não viveu a mesma restrição que a colega, conseguindo, por exemplo, ir à terapia por algum tempo sem que os pais soubessem. Nos seus embates, consegue se colocar e seguir seus desejos, o que não seria possível em criações familiares mais rígidas.

V - REFLEXÕES DE FECHAMENTO DAS ABERTURAS ANTERIORES

Então cê acaba vendo que [...] aquela fórmula de fazer música [...] abre muitas, como que eu posso dizer, ela tem muitas mais possibilidades, sabe? Isso é muito *da hora*. (Entrevista 03)

Entre os variados temas que o resgate da música-memória trouxe, destacaram-se os temas comuns do amadurecimento e da família. Os temas da musicalidade e do sofrimento apareceram como diferenças nas experiências contadas pelos entrevistados. Foi possível identificar assuntos pessoais, como as figuras importantes, a constituição familiar e as mudanças de personalidade e de valores, bem como assuntos coletivos, por exemplo a desigualdade racial e as letras sobre a passagem do tempo de Bob Dylan e Pink Floyd. Possibilitaram a conclusão de que a música esteve profundamente ligada ao vivido e à afetividade, imbricando-se na constituição de si e na formação da identidade.

O músico compõe algo que o toca e se relaciona com o contexto histórico-cultural em que está inserido. A partir disso, o receptor cria sentidos próprios e outros compartilhados, baseado em suas vivências e nesse tecido social comum. Bianca comentou desse processo abordando o caráter universal dos sentimentos e certos temas que músicas carregam.

Olha, eu me sinto contemplada pela música. A música reflete exatamente aquilo, então, assim, dependendo, eu me sinto bem, entre aspas, porque acho que seja uma situação comum, porque se escreveram uma música é porque é recorrente, então me sinto bem, mas também me sinto, como posso dizer, [...] contemplada, mas aí às vezes, por exemplo se eu tiver triste, alguma música triste reflete aquilo, eu choro, mas eu choro porque eu já tava triste, ah, pela música também, porque a música tá refletindo o que eu tava sentindo. (Entrevista 04, grifo nosso)

A música, como expressão da cultura, permite para os indivíduos se conectar e mantém, rompe ou questiona acepções e códigos de grupos. Havia um sentimento de pertencimento em Bianca e Isabella, quando viam seus ídolos como espelho para sua vida, criando a partir deles sentidos e caminhos para sua vida real e os problemas enfrentados.

"Sete Vidas", da Pitty. [...] Ela fala que, só nos últimos cinco meses, eu já morri umas quatro vezes, ainda me restam três vidas pra gastar. Uma analogia

a vida do gato, que são sete. E... Nesses cinco meses eu estendo, pra vida... Porque, ela já morreu umas quatro vezes nesses cinco meses, então eu acho que reflete muito a questão de como eu me sentia. Sabe, isolada, triste, [...] sozinha. Então acho que essa parte encaixa. E ainda me restam três vidas pra gastar seria mais o que eu ainda tô buscando, sabe. Então ainda me restam três vidas pra gastar porque eu vou ter que arranjar uma forma de conseguir o que quero. (Entrevista 04)

Eu sempre pensei muito, tipo, [...] ela [...], com a minha idade assim, já tava fazendo altas revoluções, entendeu? (Entrevista 01)

Eu lembro muito, eu escutando a música dela e falando [...] “nossa, viu, ela tá passando por isso também e tal”, não igual, né, [...] não tive os transtornos que ela teve, mas... Achava muito legal, tipo, poder encontrar alguém que, através da música, falasse que ia ficar tudo bem. (Entrevista 01)

Durante o processo narrativo, houve também a ressignificação de si. Jorge se confronta com o fato de que, hoje, sabe que teria sido muito proveitoso ter feito aulas de música quando criança. Pela importância que a música tem em sua vida, afirma que naquele tempo já se interessava bastante, mas aquilo ainda não havia vindo à tona. Hugo comenta do autocrescimento a que relaciona o contato com a música.

Em outra experiência durante a graduação, realizei oficinas com o tema da música-memória com usuários da saúde mental. Era notável a mobilização despertada pelas músicas. Foi o meio encontrado para que se conseguisse acessar a vida e a rotina de alguns dos usuários que víamos cotidianamente no serviço. Na primeira oficina que realizamos, eu trouxe uma música de rock que escutava na pré-adolescência. Uma usuária que em geral permanecia calada na sala de convivência, com dificuldade de articulação da fala, contou que sua filha gostava desse gênero.

As oficinas com música são recursos utilizados em serviços abertos de cuidado em saúde mental desde os primórdios da luta antimanicomial e pelo cuidado em liberdade. Amarante, Freitas, Nabuco e Pande (2012) identificaram mais de 400 experiências artístico-culturais acontecendo no Brasil, contudo, constataram poucas publicações sobre elas. Existem grupos que emergiram no contexto de oficinas e que hoje são reconhecidos nacionalmente por sua música e por seu potencial terapêutico.

O grupo Harmonia Enlouquece se iniciou em 2000 no Centro Psiquiátrico Rio de Janeiro, a partir de oficinas com a criação e interpretação de canções. No ano seguinte, por desejo de participantes, passou a experimentar outros ambientes do

Hospital, eventualmente saindo para fora dele. A partir de então, lançou três álbuns, participando de diversos espaços culturais, eventos e programas de TV. O grupo problematiza temas como o preconceito, a incapacidade, a deterioração mental e a violência, se utilizando da ironia como maior recurso de linguagem (DANTAS, 2016).

Outros usuários da saúde mental ganharam notoriedade pela arte na exposição “Eu sou Você”, ocorrida no ano de 2010 no Hospital Psiquiátrico São Pedro em Porto Alegre. Ela contou com 80 obras de quatro ditos artistas-loucos que passaram pela Oficina da Criatividade, realizada no mesmo hospital. Gomes e Polli (2016) ressaltam que a exposição contribuiu para produzir uma memória da loucura nos espectadores. Elizabeth Lima destaca os efeitos dessa inserção em uma cultura dominante à vida dessas pessoas:

O valor que determinadas produções podem ganhar, passando a interessar justamente por seu **caráter de singularidade, dissidência, deriva e inacabamento, e sua circulação num coletivo, provoca um enriquecimento dessas vidas;** e aqui estamos tomando a vida, e não a arte, como critério. (LIMA, 2006, grifo nosso)

Leite e Maciel (2016), por sua vez, acompanharam vivências artísticas em contexto territorial de dois serviços de saúde mental em Belém. A partir de entrevistas semi-estruturadas com 6 usuários, puderam perceber diálogos entre a arte, território e novas possibilidades de ser; a produção de saúde no processo das vivências artísticas; e a formação de vínculos sociais. Entre as atividades acompanhadas, havia música, dança e teatro de rua. Um grupo de usuários passou a cantar em um shopping da cidade, exercendo sua autonomia e construindo para si novas possibilidades para além dos mecanismos institucionais.

A partir dessas iniciativas, os sujeitos em questão reestabelecem um valor social: “Para essa clínica, cada sujeito, ao construir um objeto, pintar uma tela, cantar uma música, faz algo mais que expor a si mesmo e o próprio sofrimento. Ele realiza um fato de cultura” (LIMA, 2007). Dessa maneira a arte - e em especial a música -, atuam como forma de promover cidadania, direitos e a reinvenção para sujeitos com dificuldade em se organizar mentalmente.

Todos os entrevistados se envolveram na realização da entrevista, dispostos a compartilhar suas histórias, e afirmaram que a entrevista foi terapêutica. O processo das narrativas proporciona a ressignificação e se “arte é criar e [...] todo ser cria enquanto vive e essa vivência de criação tem potência clínica, social, cultural, orgânica, política e expressiva” (SILVA; CARDINALI; SILVESTRINI, 2014, p. 35), houve uma ressignificação do que se construiu sobre si ao longo da vida. Construir uma narrativa a partir da arte é narrar os momentos de contato com aquilo mais vivo no humano, o que de mais singular o habita, potencializando as duas ferramentas.

As narrativas trabalham com esse singular e, ao mesmo tempo, compreendem a complexidade da constituição humana. Essa complexidade é tema de bastante atenção no Projeto Político Pedagógico (2016) do curso de psicologia da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), que valoriza uma “perspectiva plural dos saberes e experiências humanas” e almeja a formação de um “profissional da área da saúde apto para o trabalho em equipe interprofissional, com ênfase na integralidade no cuidado ao paciente”, buscando compreender “as múltiplas dimensões envolvidas no processo saúde doença e de produção de cuidado”, assim como a importância da cultura na constituição de cada indivíduo.

Na grade curricular do curso, há uma aproximação com as narrativas nos módulos específicos da psicologia “Psicologia, Ideologia e Cultura” e “Saúde Mental” e no módulo do eixo comum interdisciplinar “Trabalho em Saúde: Encontros e Produção de Narrativas”. No módulo eletivo “Música e Saúde”, a música é apresentada não como um recurso técnico de intervenção, mas como mais uma das facetas humanas que constitui o humano complexo e multifacetado.

Dentre os vários eventos que ocorrem no espaço da universidade, há uma abertura para a arte e para a articulação de diferentes atores sociais na “Aula Aberta em Saúde Mental”, realizada anualmente. O evento, em articulação com diversos projetos de estágios e extensão, possibilita a inserção de usuários da saúde mental na produção de conhecimento e reforça a potência da arte como produção política e de enfrentamento de hierarquias (IMBRIZI; MOREIRA; KINKER, 2019).

A narrativa direcionada para a música com os alunos de psicologia segue a perspectiva de cuidado e de produção de conhecimento apresentada. A intervenção

proposta na pesquisa contribui, então, para a formação dos mesmos, ao despertar esse olhar e convidar para uma sensibilidade no primeiro semestre de curso. Segue o pressuposto apresentado nos módulos específicos da psicologia: para se debruçar sobre os outros é preciso primeiramente olhar para si.

Observa-se também uma aproximação do processo das narrativas ao da clínica. A etimologia da palavra clínica faz alusão a inclinar-se sobre quem sofre. Na intenção de cura, inclina-se sobre alguém, buscando combater suas dores e as estratégias de existência ligadas a elas. Para isso, é preciso resgatar narrativas do presente e do passado, investigando crenças e escolhas ligadas a modos de subjetivação. Nos encontros, processo a dois, cria-se outra narrativa para aquele sujeito, buscando por meio disso restaurar a capacidade de pensar em novas subjetivações. Aí reside o comprometimento da clínica com a política (GONDAR, 2004).

Desse modo, compreende-se que a arte e as narrativas têm sido utilizadas como dispositivos de transformação social e política no trabalho clínico e em saúde. A pesquisa realizada se alinha à ideia de Basaglia (1982) de “encontrar uma solução de compromisso com a vida”, debruçando-se sobre subjetividades em formação. Há algo do fenômeno humano que escapa às teorias e metodologias mais enrijecidas da psicologia. O autor é um dos que leva isso em conta, afirmando que o máximo da teoria é a prática e o máximo do conhecimento é a experiência (BASAGLIA, 1982).

VI - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio dos dados coletados, foi possível construir as narrativas de quatro estudantes ingressantes no curso de psicologia da Universidade Federal de São Paulo em 2019. Traçou-se um perfil desses quatro estudantes.

A partir do processo de construção das narrativas, pôde-se entrar em contato com a complexidade dos sujeitos entrevistados: a família, uma cultura e valores e papéis sociais, com os quais se aproximava e se distanciava em termos de pertencimento, rompimentos, possibilidades de agir, projeções pessoais e sonhos; lazeres, doenças, o corpo e a autoimagem.

Encontraram-se os temas comuns do amadurecimento e da família a partir da análise de conteúdo. Os temas da musicalidade e do sofrimento apareceram como diferenças nas experiências contadas pelos homens e mulheres entrevistados. Traçou-se um recorte de gênero, pensando nos efeitos de uma sociedade em que os homens são costumeiramente vistos como mais adequados às normas.

Outra tema apontado foi a aproximação com o suicídio, que reforça a importância do movimento social crescente para uma discussão aberta sobre o tema hoje, cujo histórico de ocultamento apenas contribuiu para o agravamento desses casos e a formação de preconceitos.

As histórias coletadas neste trabalho falam do nosso social, de algo do coletivo. O uso das narrativas e da música, enquanto dispositivo de arte, atestam que esses significados comuns não estão dados, são construídos também a partir dos indivíduos. Desse modo, a partir do olhar para si, pode-se afetar subjetividades para se reconstruírem e terem maior autonomia, em uma época de controle minucioso dos corpos. Os entrevistados puderam reconhecer-se nos momentos de suas vidas, ressignificando-os. Acredita-se, assim, que foi realizado um cuidado com esses alunos que entraram numa nova fase da vida, de maior independência e responsabilidade e de inserção no mundo do trabalho, que muitas vezes é o que proporciona o sentido de utilidade para a vida de alguém. Diante da riqueza de vida trabalhada nessa intervenção, visualiza-se um modo de trazer, por meio da arte, a alegria como método de trabalho em saúde mental.

Foi possível observar também uma aproximação das narrativas com a clínica, pois nestas escutam-se histórias de um sujeito vivo, parte de um emaranhado sócio-histórico no qual se faz escolhas e pode-se existir de forma mais ou menos autêntica.

A respeito dos alunos participantes, ressalta-se a faixa etária próxima, restrita aos últimos anos da adolescência, idade logo após a formação padrão no ensino médio. O tema da adolescência, enquanto período do desenvolvimento da vida, dotado de suas próprias características e construções sociais, não foi proposto como uma das categorias de análise no desenvolvimento do projeto, mas pode ser rico para a análise desses sujeitos.

Os dados possibilitaram averiguar quem são os alunos adentrando o espaço de formação e de promoção de cuidado da carreira e do curso de psicologia, este que observou nos últimos anos uma expansão em termos de vagas e procura, e o que os mobilizou durante sua vida para buscar esse olhar de cuidado a ser desenvolvido durante sua formação.

Um projeto com mais pessoas pode contribuir para se traçar um perfil mais apurado dos ingressantes em psicologia. O acompanhamento deles em outros anos, para acompanhar as mudanças e atravessamentos durante a graduação em psicologia, os novos olhares construídos e avaliar quais as questões mais importantes naquele momento para eles.

VII - REFERÊNCIAS

Livros e artigos

- AMARANTE, P. **Saúde mental e atenção psicossocial**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2007.
- AMARANTE, P.; FREITAS, F.; NABUCO, E. S.; PANDE, M. R. Da arteterapia nos serviços aos projetos culturais na cidade: a expansão dos projetos artístico-culturais da saúde mental no território. In: AMARANTE, P.; NOCAM, F. **Saúde mental e arte: práticas, saberes e debates**. São Paulo: Zagodoni, 2012. p. 23-38
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70; 1979.
- BASAGLIA, F. **A Psiquiatria alternativa. Contra o pessimismo da razão, otimismo da prática**. São Paulo: Editora Brasil Debates. 1982.
- BASTOS, L. C.; BIAR, L. Análise de narrativa e práticas de entendimento da vida social. **DELTA**, São Paulo, v. 31, n. spe, p. 97-126, ago. 2015.
- BONDIA, J. L. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Rev. Bras. Educ.**, Rio de Janeiro , n. 19, p. 20-28, Apr. 2002.
- BOSI, E. **O tempo vivo da memória: ensaios de Psicologia Social**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.
- BOTEGA, N. J. Comportamento suicida: epidemiologia. **Psicol. USP**, São Paulo, v. 25, n. 3, p. 231-236, dez. 2014.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. Saúde mental/ Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Atenção Básica, Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. – Brasília: Ministério da Saúde. **Cadernos de Atenção Básica**, n. 34, 2013.
- DANTAS, S.. A loucura na canção: Protagonismo e emancipação através da música.. **Cadernos Brasileiros de Saúde Mental/Brazilian Journal of Mental Health**, Florianópolis, v. 18, n. 8, p.111-131, out. 2016.
- FLEISCHMANN, A. et al. Effectiveness of brief intervention and contact for suicide attempters:: a randomized controlled trial in five countries. **Bulletin Of The World Health Organization**, S. L., v. 86, n. 9, p.703-709, maio 2008. Disponível em: <<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC2649494/>>. Acesso em: 29 out. 2019.

- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**. Petrópolis: Vozes, 1975.
- GOMES, A. H.; POLLI, C. B. "Eu sou você" e o percurso da loucura à arte. **Cadernos Brasileiros de Saúde Mental/Brazilian Journal Of Mental Health**, Florianópolis, v. 18, n. 8, p.55-67, out. 2016.
- GONDAR, J. A clínica como prática política. **Lugar Comum**, nº 19, p. 125-134, 2004.
- GURVITCH, G. **Déterminismes sociaux et liberté humaine**. Paris: Presses Universitaires de France, 1955.
- IMBRIZI, J. M.; MOREIRA, M. I. B; KINKER, F. S. Da Aula Aberta à Universidade Aberta: Reflexões sobre Saúde Mental, Arte & Território. **Gerai: Revista Interinstitucional de Psicologia**, Minas Gerais, 12(1), p.175-189, 2019.
- LAMBERTUCCI, R. H.; KEINERT, C. M.; KEINERT, T. M. M. A Construção narrativa como trabalho participativo em saúde: aprendendo a interrogar, interrogar-se e a dialogar. In: TOLEDO, R. F. de et al (Org.). **Pesquisa Participativa em Saúde: Vertentes e Veredas**. São Paulo: Instituto de Saúde, 2018. p. 241-264.
- LEITE, A. do S. C.; MACIEL, M. L. Saúde mental e percursos na cidade: a arte enquanto recurso de desinstitucionalização e produção de saúde. **Cad. Bras. Saúde Ment.**, Florianópolis, v. 8, n. 20, p. 142-156, 2016. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-21472016000300009&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 17 nov. 2019.
- LIMA, E. M. F. A. Por uma arte menor: ressonâncias entre arte, clínica e loucura na contemporaneidade. **Interface - Comunic., Saúde, Educ.**, v.10, n.20, p.317-29, jul/dez 2006.
- LIMA, E. M. F. A.; PELBART, P. P. Arte, clínica e loucura: um território em mutação. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**. Rio de Janeiro, v.14, n.3, p.709-735, jul.-set, 2007.
- LISPECTOR, C. **Água Viva**. Rio de Janeiro: Editora Artenova, 1973.
- MINAYO, M. C. de S. **O desafio do conhecimento: Pesquisa qualitativa em Saúde**. 14ª edição. São Paulo: Hucitec Editora, 2014.
- MORO, L.; GUAZINA, F. Arte e experiência: relações da arte no contexto da saúde mental. **Cadernos Brasileiros de Saúde Mental/Brazilian Journal of Mental Health**, Florianópolis, v. 18, n. 8, p.25-42, out, 2016.

SILVA, C. R.; CARDINALI, I.; SILVESTRINI, M. 2014. p. 29-38. In.: SILVA, C. R. (org.) **Direitos humanos para a diversidade: construindo espaços de arte, cultura e educação**. São Carlos: São Jorge, p. 96, 2014.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO. **Projeto Político Pedagógico**. Santos, 2016. Disponível em:

<https://www3.unifesp.br/prograd/app/cursos/index.php/prograd/arq_projeto/783>.

Acesso em 25 nov. 2019.

WHO. **Preventing suicide: A global Perspective**. Luxemburgo: World Health Organization, 2014.

Músicas

BEYONCÉ. Pretty Hurts. 2013. Disponível em: <<https://www.letras.mus.br/beyonce/pretty-hurts/traducao.html>>. Acesso em: 17 nov. 2019.

BEYONCÉ. Formation. 2016. Disponível em: <<https://www.letras.mus.br/beyonce/formation-dirty/traducao.html>>. Acesso em: 17 nov. 2019.

CHILD, D. Survivor. 2001. Disponível em: <<https://www.letras.mus.br/destinys-child/10601/traducao.html>>. Acesso em: 17 nov. 2019.

CHILD, D. Independent Woman Pt I. 2001. Disponível em: <<https://www.letras.mus.br/destinys-child/10596/traducao.html>>. Acesso em: 17 nov. 2019.

DYLAN, B. Blowin' In The Wind. 1963. Disponível em: <<https://www.letras.mus.br/bob-dylan/11904/traducao.html>>. Acesso em: 17 nov. 2019.

ELLER, C. Socorro. 1994. Disponível em: <<https://www.letras.mus.br/cassia-eller/44930/>>. Acesso em: 17 nov. 2019.

ENLOUQUECE, H. Será Que Dá?. 2001. Disponível em: <<https://www.letras.mus.br/harmonia-enlouquece/1430471/>>. Acesso em: 17 nov. 2019.

FLOYD, P. Time. 1973. Disponível em:
<<https://www.lettras.mus.br/pink-floyd/63078/traducao.html>>. Acesso em: 17 nov. 2019.

HAWAII, E. do. Surfando Karmas & DNA. 2002. Disponível em:
<<https://www.lettras.mus.br/engenheiros-do-hawaii/45763/>>. Acesso em: 17 nov. 2019.

URBANA, L. Clarisse. 1997. Disponível em:
<<https://www.lettras.mus.br/legiao-urbana/46931/>>. Acesso em: 17 nov. 2019.

Páginas da internet

CENTRO DE VALORIZAÇÃO DA VIDA. CVV, c2019. O CVV. Disponível em:
<<https://www.cvv.org.br/o-cvv/>>. Acesso em: 18 nov. 2019.